



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**  
***CAMPUS CHAPECÓ***  
**CURSO DE GEOGRAFIA - LICENCIATURA**

**JOSEANE DE LIMA**

**FORMAÇÃO DE OLIGOPÓLIO E O USO CORPORATIVO DO  
TERRITÓRIO PELA COOPERATIVA CENTRAL AURORA  
ALIMENTOS LTDA**

**CHAPECÓ**  
**2015**

*As “imagens” territoriais revelam às relações de produção e conseqüentemente as relações de poder, e é decifrando-as que se chega à estrutura profunda. Do Estado ao indivíduo, passando por todas as organizações pequenas ou grandes, encontram-se atores sintagmáticos que (produzem) o território. (RAFFESTIN, 1993, p. 152)*

JOSEANE DE LIMA

**FORMAÇÃO DE OLIGOPÓLIO E O USO CORPORATIVO DO  
TERRITÓRIO PELA COOPERATIVA CENTRAL AURORA  
ALIMENTOS LTDA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação  
apresentado ao curso de Geografia - Licenciatura da  
Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus*  
Chapecó, como requisito para obtenção do título de  
licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Alberto Scherma.

CHAPECÓ

2015

**DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação**

LIMA, JOSEANE DE  
O USO CORPORATIVO DO TERRITÓRIO PELA COOPERATIVA  
CENTRAL AURORA ALIMENTOS LTDA/ JOSEANE DE LIMA. -- 2015.  
70 f.:il.

Orientador: RICARDO A. SCHERMAN.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
GEOGRAFIA , Chapecó, SC, 2015.

1. Cooperativa Central Aurora Alimentos Ltda.: uma  
empresa do circuito superior da economia urbana. 2. Os  
processos de formação e expansão das unidades da  
Cooperativa Central Oeste Catarinense Ltda. Consolidação  
espacial e o uso corporativo do território. I. SCHERMAN,  
RICARDO A., orient. II. Universidade Federal da  
Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

JOSEANE DE LIMA

**FORMAÇÃO DE OLIGOPÓLIO E O USO CORPORATIVO DO  
TERRITÓRIO PELA COOPERATIVA CENTRAL AURORA  
ALIMENTOS LTDA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado ao curso de Geografia - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó, como requisito para obtenção do título de licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo A. Scherma

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em:

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

PROF. DR. RICARDO A. SCHERMA

---

PROF. DR. MARLON BRANDT

---

PROF. MS. FERNANDO WEISS XAVIER

**RESULTADO** \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus, por mais esta conquista, que só eu sei o quanto foi difícil nos últimos tempos, mas, Deus sempre esteve do meu lado.

Durante esses quatro anos de graduação, nada caiu do céu, tudo foi construído com muito esforço, especialmente nos últimos tempos em que minha família adoeceu e meus sonhos quase acabaram.

Mesmo assim, agradeço imensamente pela família que tenho, que mesmo com tantas dificuldades, nunca mediram esforços para me auxiliar. Sei que muitas vezes sentiram minha ausência, no entanto, fiz o que pude, e eles compreenderam essa fase da minha vida com muito respeito. Aos meus pais Margarete e Jocerli. Muito Obrigado!

Agradeço a paciência e compaixão do Silvano, que soube me entender nos momentos mais difíceis desta caminhada, me ajudando a desenvolver este e outros trabalhos da Universidade, assim como as ansiedades familiares. Também agradeço ao Jefferson, que mesmo sem demonstrar, sempre esteve preocupado comigo. A minha família, muito obrigado!

Aqui também quero agradecer, a todos os meus amigos e amigas que durante essa jornada me ajudaram direta ou indiretamente, alguns mais, outros nem tanto. A todos estes amigos da caminhada, muito obrigado!

Muito Obrigado aos professores e professoras do Curso de Geografia – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, especialmente aos professores Ricardo, que teve a paciência e a compreensão durante as orientações deste trabalho, e ao professor Ederson, pelo importante auxílio na elaboração dos mapas temáticos. Aos professores e professoras, muito obrigado!

Enfim, um muito obrigado!

LIMA, JOSEANE DE. **Formação de oligopólio e o uso corporativo do território pela Cooperativa Central Aurora Alimentos Ltda.** Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Geografia – Licenciatura. Universidade Federal da Fronteira Sul. Chapecó, 2015.

## **RESUMO**

Por meio dessa pesquisa geográfica, oferecemos ao leitor, uma análise da propagação das articulações estratégicas ocorridas no território, após a implantação da Cooperativa Central Oeste Catarinense Ltda., na microrregião de Chapecó, Santa Catarina, com um panorama a respeito da organização e o uso corporativo do território pela agroindústria desde 1969 até os dias atuais. Para tanto, leva-se em conta a evolução dos sistemas de objetos geográficos, a centralização do capita e as localizações geográficas intencionais das unidades industriais, bem como outras atuações de fusão, parcerias e aquisições que modificaram o espaço, consolidando a empresa agroindustrial Aurora, como um oligopólio, uma empresa característica do circuito superior da economia urbana.

**Palavras-Chave:** Território – Estratégias - Localização – Circuito - Oligopólio

LIMA, JOSEANE DE. **Oligopoly formation and corporate use of the territory by Central Cooperative Aurora Ltda Food.** Term paper. Geography course – Degree. Federal University of Southern Frontier. Chapecó, 2015.

### **ABSTRACT**

Through this geographical research, we provide the reader an analysis of the spread of the strategic joints occurring in the territory, after the implantation of Cooperativa Central Oeste Catarinense Ltda., in the micro region of Chapecó, Santa Catarina, with an overview about the organization and the corporate use of the territory by the agribusiness since 1969 until de present day. Therefore, it takes into account the evolution of geography objects systems, centralization capita and intentional geography locations of the industrial units as well as other fusion performances, partnerships and acquisitions that changed the space, consolidating agribusiness company Aurora, as an oligopoly, and now as a feature of the upper circuit of the urban economy.

Key-words: Territory – Strategies – Location – Circuit – Oligopoly.

## INTRODUÇÃO

Intenciona-se com este trabalho, desenvolver uma análise crítica e uma contribuição aos estudos da geografia contemporânea, frente à caracterização da Cooperativa Central Aurora Alimentos Ltda., como uma empresa do circuito superior da economia urbana, que através de articulações espaciais se constitui como um agente geográfico influente no território usado brasileiro, em especial no oeste de Santa Catarina.

Nesta perspectiva, este trabalho também visa apresentar um panorama das articulações estratégicas desenvolvidas pela Cooperativa Aurora desde 1969 até os dias atuais, levando em consideração o processo de formação e expansão das unidades agroindustriais da Aurora com enfoque no oeste catarinense, bem como suas localizações articuladas e intencionais, nos demais territórios brasileiros.

Logo, buscou-se compreender a consolidação da agroindústria na produção e comercialização nacional ou internacional no ramo de carnes, porém, não deixando passar por despercebido a sua intencionalidade de dominação de toda um circuito espacial produtivo voltada aos interesses dos setores específicos.

Assim, é de extrema importância desenvolver uma análise crítica do processo de concretude destes objetos geográficos no espaço tempo, comparando às intencionalidades do circuito superior da economia urbana e as suas implicações socioespaciais, uma vez que, as grandes indústrias são importantes agentes produtores do espaço, ou seja, que constituem e consomem os objetos, desta forma usando o território corporativamente.

Neste contexto, faz-se necessário compreender as etapas da consolidação e as relações de poder que se perpetuam no espaço, de forma quase normal, mas que através de uma análise crítica do uso corporativo do território, será possível perceber principalmente a imposição da hegemonia territorial de um processo estratégico multiescalar, que tende a ampliar e monopolizar uma cadeia produtiva, a fim de garantir sua produção e sua estabilidade capitalista e oligopolista na microrregião de Chapecó, uma vez que nada é natural, tudo é por si só instrumento de intencionalidade.

Para chegar ao resultado da pesquisa, foi necessário conceituar temáticas sínteses como: Circuitos da Economia Urbana, Uso corporativo do Território e Oligopólio, somadas às fontes documentais e páginas da internet que envolveram os processos de implantação, aquisição, fusão e cooperação vinculados à Cooperativa Central Aurora Alimentos Ltda.

## SUMÁRIO DE ILUSTRAÇÕES

<b>Imagem 1.</b> Cooperativas Associadas à Cooperativa Central Aurora Alimentos Ltda.....	20
<b>Imagem 2.</b> Atuação da Cooperativa Central Aurora Alimentos Ltda. no Mercado internacional.....	21
<b>Imagem 3.</b> Estudo da viabilidade espacial à logística produtiva, e à construção de unidades industriais – Uso corporativo do território. ....	24
<b>Imagem 4.</b> Cooperativa Mista Agropastoril de Chapecó Ltda (1967).....	30
<b>Imagem 5.</b> Cooperchapecó na Avenida Fernando Machado (1970).....	30
<b>Imagem 6.</b> Filial Cooperalfa de Coronel Freitas.....	31
<b>Imagem 7.</b> Filial Cooperalfa de Coronel Freitas (1975).....	31
<b>Imagem 8.</b> A expansão da suinocultura e a necessidade da industrialização: Fundação da Cooperativa Central Oeste Catarinense – Fricoper.....	33
<b>Imagem 9.</b> Chapecó Década de 60 – 70.....	37
<b>Imagem 10.</b> Chapecó - Anos 90 e 2000.....	37
<b>Imagem 11.</b> Cooperativa Central Oeste Catarinense Ltda. agora é Cooperativa Central Aurora Alimentos Ltda. Frigorífico Aurora de Joaçaba – Santa Catarina.....	49
<b>Imagem 12.</b> Slogan das Cooperativas Legitimadas Associadas: à Cooperativa Central Aurora Alimentos Ltda. (2012).....	60

## SUMÁRIO DE TABELAS

<b>Tabela 1.</b> Corporações Parceiras à Cooperativa Central Aurora Alimentos Ltda.: Multi-setoriais.....	58
<b>Tabela 2:</b> Cooperativas Associadas à Cooperativa Central Aurora Alimentos Ltda.: Multi-setoriais.....	60

## SUMÁRIO DE GRÁFICOS – MAPAS - ANEXOS

<b>Organograma 1:</b> Estratégia de viabilidade produtiva do Frigorífico Aurora de Joaçaba (FAJO).....	40
<b>Mapa 1:</b> Localização das Cooperativas Associadas Aurora (2015).....	56
<b>Anexo I:</b> Implantação das unidades agroindustriais da Cooperativa Aurora: Evolução histórico-geográfica.....	66
<b>Anexo II:</b> Localização dos departamentos e filiais de vendas da Aurora Alimentos.....	67

## SUMÁRIO

### **1. CIRCUITO SUPERIOR DA ECONOMIA URBANA**

1.1	Introdução.....	12
1.2	A teoria dos dois circuitos da economia urbana.....	14
1.3	Cooperativa Central Aurora Alimentos Ltda.: uma empresa do circuito superior da economia urbana.....	17

### **2. CIRCUITO SUPERIOR DA ECONOMIA URBANA E O USO CORPORATIVO DO TERRITÓRIO**

2.1	Introdução.....	25
2.2	Os processos de formação e expansão das unidades da Cooperativa Central Oeste Catarinense Ltda. Consolidação espacial e o uso corporativo do território.....	26
2.3	Cooperativa Central: Expansão dos produtos Aurora para o mercado internacional – Globalização (1991 – 2007). .....	36

### **3. CONCENTRAÇÃO DE CAPITAL E A FORMAÇÃO EFETIVA DE OLIGOPÓLIO TERRITORIAL**

3.1	Economia Nacional e Internacional: De Cooperativa Central Oeste Catarinense Ltda. à Cooperativa Central Aurora Alimentos Ltda. (2008-2015).....	39
3.2	A expansão da malha cooperativista Aurora Alimentos no território globalizado e a “multifuncionalização” dos processos produtivos e econômicos.....	56

	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>52</b>
--	----------------------------------	-----------

	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>65</b>
--	--	-----------

## Capítulo I

### 1. CIRCUITO SUPERIOR DA ECONOMIA URBANA

#### 1.1 Introdução

Durante o século XX, o percurso histórico geográfico passou por diversas eventualidades, entre essas, mudanças sócioespaciais evidenciadas com a implantação industrial, que alterou civilizações, modernizou os processos produtivos, representou o crescimento econômico do país e sua participação no mercado global. “O Brasil, a partir do século XX passou a desenvolver mais intensamente as atividades industriais.” (SANTOS e SILVEIRA, 2001, p. 56).

Neste contexto, inúmeras transformações se consolidaram no espaço, dando a ele, novas formas frente à sociedade globalizada. Os elementos do espaço, fixos e fluxos, passam a ser “agentes transformadores interligados, responsáveis pelos possíveis avanços ou retardos tecnológicos ao longo do tempo” (Santos, 1994).

“Os fixos econômicos, sociais, culturais, religiosos, entre outros, se subdividem em fixos públicos e fixos privados. Os fixos privados localizam-se segundo a lei da oferta e da procura, que regula também os preços a cobrar. Já os fixos públicos, se instalam segundo os princípios sociais, e funcionam independentemente das exigências do lucro.” (Santos, 2008, p.62).

Após a Segunda Guerra Mundial, “podemos admitir que a história do meio geográfico pode ser grosseiramente dividida em três etapas: o meio natural, o meio técnico, o meio técnico-científico-informacional ” (SANTOS, p. 156). A terceira etapa histórica do meio geográfico propiciou fluidez e sofisticação a vários sistemas, entre eles, o sistema logístico e o sistema de telecomunicações, que favoreceram o desenvolvimento de relações complexas entre os donos dos meios de produção, e as mais diferentes localizações espaciais geográficas.

Com a potencialidade de acumular matérias-primas, em fragmentos distintos no território mundial, os proprietários dos meios de produção, passaram a investir capitais em pontos estratégicos às indústrias, levando em conta as potencialidades econômicas produtivas, voltadas aos recursos naturais disponíveis à exploração, como também as intervenções do Estado.

À medida que se instalava no Brasil, "empresas multinacionais que processam alimentos e matérias-primas provenientes do campo, deu-se origem as cadeias produtivas agroindustriais, que compõem importantes circuitos econômicos globais." (LUNGAREZI, 2012, p. 18) Estes circuitos econômicos surgiram com a implantação das multinacionais nos países subdesenvolvidos, no entanto, esta implantação só foi possível, através do deslocamento do capital internacional (países desenvolvidos), estes elementos estreitaram as relações entre campo-cidade, em suma:

“após a II Revolução Agrícola ocorrida na virada do Século XIX para o XX nos EUA e, depois, disseminada para a Europa e outras porções do globo terrestre, a articulação entre a agricultura e a indústria se intensificou, atingindo, inclusive, alguns países subdesenvolvidos, em virtude da disseminação do chamado pacote tecnológico da Revolução Verde” (LUNGAREZI, 2012, p. 19).

Após esta fase de implantação tecnológica no campo, os índices de fluxos e fixos na escala global aumentaram significativamente, ou seja, as indústrias, a produção, os serviços, o comércio e o consumo se tornaram “fixos e fluxos mundializados”, que até hoje surtem implicações socioespaciais.

[...] parte significativa da agricultura agora cresce não mais apenas em função dos preços as commodities no mercado externo, mas também em função das demandas industriais que se estabelecem sobre a agricultura. De um lado, há a procura de matérias-primas pelas agroindústrias; de outro, a busca de mercado pelas indústrias de máquinas e insumos. (SILVA, 1996, p. 33).

A dinâmica estrutural imposta pelas indústrias impulsionou o desenvolvimento dos núcleos urbanos, embasados nas atividades comerciais e no trabalho produtivo industrial de bens de consumo. Logo, a estruturação industrial, atraiu o trabalhador do campo para as áreas urbanas, localizadas normalmente às margens destes agentes geográficos. Atuações industriais transformam o espaço, pois, na medida em que as indústrias escolhem sua localização geográfica, estão escolhendo sua posição estratégica de produção e economia.

Logo:

“O mundo encontra-se organizado em subespaços articulados dentro de uma lógica global. Não podemos mais falar de circuitos regionais de produção. Com a crescente especialização regional, com os inúmeros fluxos de todos os tipos, intensidades e direções, temos que falar de circuitos espaciais da produção.” (SANTOS, 1988, p. 51).

Desta forma, a criação de firmas-rede se torna uma tendência e uma necessidade, resultantes da combinação entre o imperativo da integração e o imperativo da globalização, onde os circuitos espaciais produtivos e os circuitos da economia urbana, se estabelecem como subespaços articulados nas diferentes escalas geográficas, porém, desenvolvendo relações produtivas complexas e eficientes, sob um comando organizacional central. (SANTOS, 1926, 2001, p. 207).

“Cada ramo de atividade gera circuitos produtivos distintos e a economia urbana abriga muitas vezes fragmentos dos circuitos espaciais produtivos. Dependendo do ramo de atividade o circuito espacial de produção tende a ganhar dimensões planetárias, ou mesmo, ficar mais circunscrito a determinadas regiões e países”. (CATAIA; SILVA, 2013, p. 66).

“Desta forma, o diálogo dos dois circuitos da economia urbana com os circuitos espaciais de produção torna-se profícuo” (CATAIA; SILVA, 2013, p. 55).

## **1.2 A teoria “dos dois circuitos da econômica urbana”**

Estudos sobre a temática urbana nos países periféricos (1970), pelo autor Milton Santos, apresentam caracterizações de dois circuitos principais da economia urbana: Circuito Superior e o Circuito Inferior.

Cada ramo de atividade desenvolvida no espaço usado, dispõe de circuitos produtivos distintos e conseqüentemente de uma economia urbana hierarquizada na perspectiva produtiva. Assim, os circuitos da economia urbana possuem diferenciações significativas entre si, no entanto se complementam.

O “circuito superior da economia urbana” resulta da tecnificação intensiva do espaço, ou seja, o circuito superior é resultado da estruturação globalizada da técnica, da ciência e da informação. Todavia, “o circuito superior é composto pelas grandes empresas e instituições, como os bancos, o comércio, o transporte, e o próprio Estado. (REGIZ, 2011, p. 154); (CATAIA; SILVA, 2013, p. 57). Segundo Santos (1971), “o circuito superior é caracterizado por atividades altamente tecnológicas, de última geração, oriundas do desenrolar da “terceira revolução industrial”.

No caso da Aurora, uma empresa do circuito superior da economia urbana, os produtos de bens de consumo não-duráveis são fabricados no Brasil e posteriormente abastecem diversos mercados consumidores, como a Europa, Ásia e África. Porém, os

fluxos de importação e exportação, exigem um aparato da terceira revolução industrial, a tecnologia. No entanto, a tecnologia, também faz suas exigências, já que se utiliza de pouca mão-de-obra, mas qualificada [...], fator que aumenta o custo das inovações técnicas e científicas, logo, “seletiva e não totalizada”. (SANTOS, 2012).

Na medida em que as intervenções do capital como linhas de crédito, empréstimos e financiamentos são aplicadas em bens de base de equipamentos duráveis e tecnológicos, as empresas aumentam gradativamente suas produções, diminuem o tempo e o custo dos bens que produz, conseqüentemente gera uma concorrência imperfeita no mercado consumidor.

O Estado, também é um agente necessário e importante neste modelo de circuito superior da economia urbana, pois possui autonomia para direcionar investimentos na construção e no melhoramento das infra-estruturas conectivas entre a produção e o escoamento fabril, como, por exemplo, rodovias, ferrovias, portos, isenção fiscal entre outros aportes que incentivam a localização das indústrias no espaço geográfico.

No entanto, o circuito superior da economia urbana encontra-se em:

“forte utilização e mesmo dependência de recursos tecnológicos, tais como máquinas, robôs, sistemas computadorizados, dentre outros. É justamente este aparato técnico que permitirá que a empresa produza em maiores quantidades, menor tempo e a menores preços.” (BARBOSA, 2014, p.5)

Já o “circuito inferior da economia urbana”, adota soluções embasadas em técnicas aperfeiçoadas, porém, não modernas, na maioria das vezes técnicas e tecnologias ultrapassadas, que continuamente, faz o circuito inferior da economia urbana, persistir à pobreza e as mais diversas desigualdades criadas pelo circuito superior. Este circuito, dispõe da venda ambulante de mercadorias, trabalhos e serviços tradicionais intensivos e com baixo retorno financeiro, níveis de investimentos mínimos ou nulos, conseqüentemente utilizando-se de técnicas arcaicas em detrimento da falta de recursos financeiros.

“Por sua vez, compreende o resultado indireto da modernização e constitui-se de formas de fabricação de capital não intensivo, serviços não modernos fornecidos a varejo, comércio não moderno e de pequena dimensão, voltados sobretudo ao consumo dos mais pobres” (REGIZ, 2011, p. 154).

Este circuito compreende as atividades compostas de um amplo atraso tecnológico e produtivo, mas dispõe de certa:

“facilidade de acesso às atividades; utilização de recursos locais; empresas de propriedade familiar; escala de atividade reduzida; uso de técnicas que privilegiam o recurso à mão-de-obra; qualificações adquiridas fora do sistema oficial de formação; presença de mercados concorrenciais sem regulamentação” (REGIZ, 2011, p. 152).

Após a década de 80, o circuito inferior da economia urbana, passou a ser visto como um instrumento dinâmico e flexível nos tempos de crise econômica, pois, mesmo nos períodos de crise econômica, o circuito inferior manteve-se em constante “atividade, normalmente vinculadas ao pequeno comércio, ao artesanato, as pequenas indústrias e ao comércio ambulante” (REGIZ, 2011, p. 157:159), normalmente:

“utilizado pela população pobre, que é maioria e tende ao crescimento, de gerar renda a partir de atividades de organização simples, que dependem de mão-de-obra intensiva e pouco (ou nenhum) capital.” (CATAIA; SILVA. Considerações sobre a teoria dos dois circuitos da economia urbana na atualidade. 2013, p. 57).

No entanto, o circuito superior e o circuito inferior da economia urbana, não são sistemas fechados, mais sim subsistemas do sistema urbano, em que todos os processos estão integrados, mesmo que com resultados e investimentos distintos, ou seja, ambos os circuitos estabelecem laços de complementaridade, concorrência, hierarquia, e interdependência, porém, o circuito inferior sempre dependerá do circuito superior da economia urbana (SANTOS, 1971),

Ambos os circuitos, também estabelecem relações com o “circuito superior marginal da economia urbana”. Este circuito, possui papel de “intermediário”, nas “análises da divisão do trabalho estabelecida entre atacadistas, produtores, transportadores e vendedores, composto de ações ligadas às lógicas da modernização, mas dotadas de menor conteúdo em técnica, ciência e informação, do que o circuito superior da economia urbana” (REGIZ, 2011, p. 157:159).

O circuito marginal, é dinâmico, é estratégico, pois encontra-se voltado as demandas atuais dos bens e serviços que exigem menor nível de tecnologia, menos especialização da mão-de-obra e organização. Logo, “o crescimento do circuito superior marginal residual se dá pela incapacidade de modernizar-se no ritmo imposto pela época.” (SILVEIRA, 2004).

Frente à globalização, o circuito superior da economia urbana, tende a ser cada vez mais complexo, seja, quanto ao capital investido, quanto a centralização do capital, da tecnologia, da organização socioespacial e das atividades desenvolvidas. Assim, os circuitos produtivos e econômicos, são sempre mediados e dinamizados, pelo sistema de objetos e sistema de ações, somado a mediação e a dinamização espacial feita pelo homem.

Esta dinamização espacial, juntamente com a dinamização e a modernização contínua dos objetos geográficos contidos no território, é um dos fatores que implica diretamente na proposta de pesquisa deste trabalho, uma vez que, a Cooperativa Central Oeste Catarinense Ltda., Aurora Alimentos, foi construindo desde 1969 uma ampla rede de objetos geográficos, e simultaneamente de ações, que se expandem gradativamente no espaço, fatores esses, que culminam na organização territorial das atividades, das pessoas, dos objetos, das ações e dos capitais no território oeste catarinense, bem como no Brasil.

Neste território, em especial no oeste catarinense, as agroindústrias foram as que mais se consolidaram espacialmente e financeiramente, pois, estas corporações usam o território de forma corporativa, assim, com os recursos naturais disponíveis, as corporações organizaram estratégias voltadas aos ramos econômicos favorecidos na região, com o intuito de garantir a acumulação e a centralização de capitais, desenvolvendo para si (Aurora), ao passar dos anos, um poder corporativo oligopolista.

Portanto, para as corporações do circuito superior da economia urbana, “o território é um trunfo particular, recurso e entrave, continente e conteúdo, tudo ao mesmo tempo. O território é o espaço político por excelência, é o campo da ação e dos trunfos”, “é a cena do poder e o lugar de todas as relações” (RAFFESTIN, 1993, p. 58-60).

### **1.3 Caracterização da Cooperativa Central Aurora Alimentos Ltda.: Uma empresa do circuito superior da economia urbana**

Território, lugar de todas as relações, espaço usado de forma hegemônica que representa poder subjetivo sobre o mesmo (RAFFESTIN, 1993). Para tanto, é neste espaço usado, chamado de território, que se estabelecem as mais distintas relações homem – objeto geográfico, e respectivos derivados.

No entanto, os circuitos econômicos urbanos, configuram-se também através de políticas socioespaciais como:

a *economia política da urbanização* e, de outro, a *economia política da cidade* (SANTOS, 1994). A primeira confunde-se com a economia política do território, revelando a repartição dos instrumentos de trabalho, do capital, do emprego e dos homens numa formação socioespacial. A segunda mostrar-nos-ia como o meio construído urbano se organiza face à produção e como os agentes da vida urbana encontram seu lugar nesse meio construído e na divisão do trabalho. Em outras palavras, nas suas diversas escalas ou manifestações empíricas, o espaço geográfico é um resultado, dinâmico e contraditório, da superposição de divisões do trabalho e dos respectivos circuitos espaciais de produção e círculos de cooperação (SILVEIRA, 2013, p. 65).

O circuito superior da economia urbana é também resultado da modernização das formas do uso corporativo do território, com específica valorização e seletividade espacial das atividades econômica desenvolvidas no espaço. Por sua vez, o espaço geográfico é dinâmico, e possui a complementaridade entre os circuitos espaciais produtivos.

A globalização, hoje representa “a universalidade das técnicas não mais como tendência, mas como fato” (SANTOS, 2001, p. 35), pois:

“A presença, em pontos espalhados ou concentrados do espaço, de firmas monopolistas ou transnacionais com vocação a utilizar todo o território orienta a escolha desses capitais dormentes, qualificando os espaços nacionais à imagem dos seus interesses próprios, porque essas empresas dispõem da força política para impor o que hoje se chama de modernização do território. A esse processo, intitulamos "corpo-ratização do território" (SANTOS, 1990 e 1993). Na medida em que cada produção supõe necessidades específicas, o aprofundamento do capital, sua maior densidade, sua mais alta composição orgânica, criam condições materiais sempre mais rígidas para o exercício do trabalho vivo”.

A “corpo-ratização” do território, impõem a modernização deste, sob os pilares da “chamada pós-modernidade, período técnico-científico-informacional” (SANTOS, 2001, p. 178), o qual, agrega a Cooperativa Central Oeste Catarinense Ltda., desde 1969, à uma “obrigatoriedade” de modernizar-se continuamente, estimulando condições técnicas, científicas e informacionais que qualifiquem os espaços e que garantam o uso corporativo do território, e conseqüentemente a acumulação dos capitais.

Portanto, o circuito superior da economia urbana, e até mesmo a Cooperativa Central, “visam alargarem-se sob a lógica territorial de redes, onde a constituição e a consolidação das empresas como oligopólios na perspectiva da economia urbana, tenderá a controlar o meio\_técnico\_científico\_informacional, ocupando e globalizando os espaços, no âmbito de potencializar e “desbravar” áreas “produtivas”, centralizando o comando

político territorial nas mãos de poucos agentes, os donos dos meios de produção” (SILVEIRA, 2013).

Logo:

“os objetos consagrados ao trabalho, como meios de produção, de circulação ou distribuição, aumentam a sua complexidade, e às vezes também o seu tamanho, e se tornam cada vez mais especializados, não-reversíveis, não-intercambiáveis, cada vez menos dotados de mobilidade geográfica, cada vez mais imóveis, fixados ao solo e seu funcionamento supõe o de outros objetos... (SANTOS, 2001, p. 146)

A Cooperativa Central Aurora Alimentos Ltda., é uma cooperativa que centraliza as matérias-primas de outras cooperativas centralizadoras, fato que vem a confirmar sua existência fixa, imóvel, e dependente do funcionamento de outros agentes (cooperativas/integrados), por estabelecer uma dinâmica espacial subordinante-subordinada. Além de centralizar matérias-primas, a Cooperativa é responsável por designar e controlar o processamento industrial dos bens de produção, até configurá-los como bens de consumo não duráveis.

Desde sua criação (1969), a Cooperativa Aurora Alimentos, necessitou modernizar seus aparatos tecnológicos produtivos gradativamente, em especial nas atividades voltadas ao armazenamento de grãos, aos parâmetros logísticos, no melhoramento genético, na inserção de maquinários mais eficientes, entre outros. A fim de consolidar-se tanto no território nacional quanto no território internacional, com traços de corporação oligopolista.

A Cooperativa Central, se instalou na microrregião de Chapecó, em 1969, adquirindo na época o antigo Frigorífico Marafon (que iniciou suas atividades industriais em 1973), estrutura física que deu início às atividades da Cooperativa Central Oeste Catarinense Ltda. na região de Chapecó. A partir deste marco histórico geográfico, a Cooperativa Central, buscou estabelecer neste espaço, novos arranjos produtivos, e sucessivamente re-arranjos que fortaleceram o uso corporativo do território, na perspectiva de obter maior lucratividade, abrangência no mercado consumidor, redefinição das forças produtivas, expansão dos agentes geográficos, entre outras. (SILVEIRA, 2013, p. 67-70).

Através de critérios técnico-científicos-informacionais, a Cooperativa Central, mediante a modernização contínua do sistema de ações e sistema de objetos, é uma empresa do circuito superior da economia urbana, composta atualmente por 13 cooperativas filiadas, que polarizam toda a região sul e parte da região centro-oeste do território brasileiro, conforme a imagem abaixo. Essas cooperativas somadas com a

Cooperativa Aurora representam mais de 70 mil associados e 17 mil trabalhadores. A empresa possui atividades voltadas aos “departamentos de avicultura, suinocultura, produção de rações, nutrição animal, geotecnologia, apoio agropecuário e no departamento de lácteos”, como também de bovinos (parcerias), produtos a base de massas, central de sêmen e no ramo inicial de geração de energia. (RELATÓRIO, 2010 p. 11).



**Imagem 1:** Mapa Cooperativas Associadas à Cooperativa Central Aurora Alimentos Ltda.

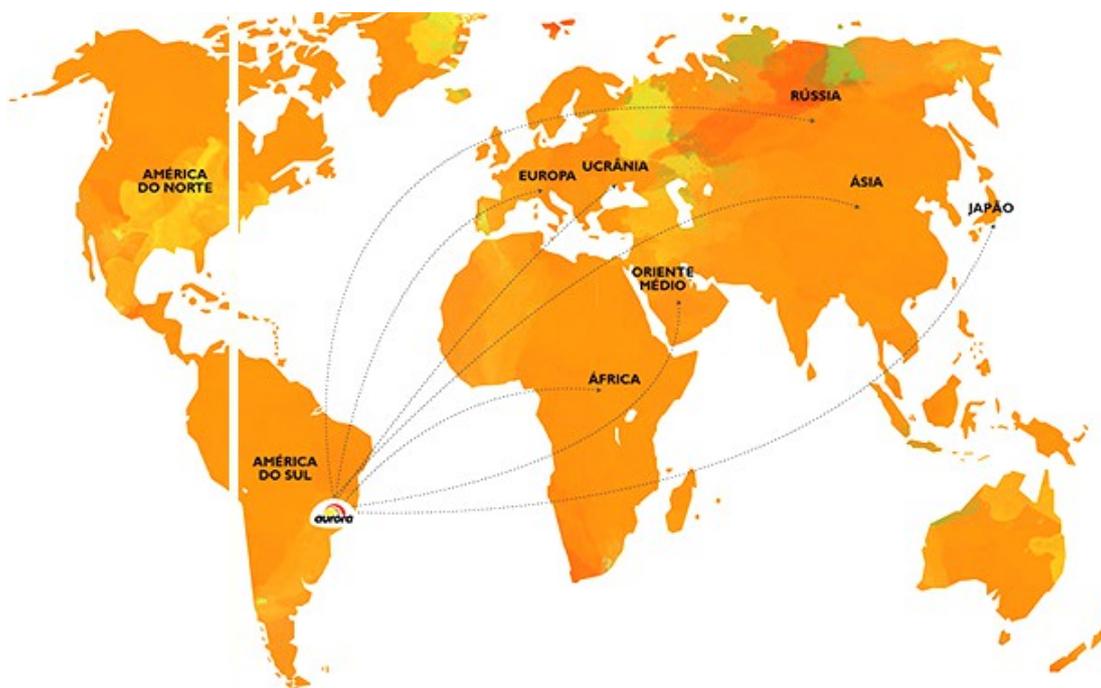
**Fonte:** Relatório Anual Aurora Alimentos 2012.

Um outro aspecto que caracteriza a Aurora como uma empresa do circuito superior é a sua capacidade de exportação. “No cenário mundial, pode-se dizer que, EUA, China e Brasil são os maiores exportadores de commodities, sucessivamente,

representando aproximadamente 56% do total mundial.” (Relatório 2009, p. 22; Relatório 2010, p. 13:18).

Deste ano [2000] até 2004, o desempenho do setor agroexportador aumentou 89,3%, superando o avanço das exportações totais do país que ficaram em 75,13%. A pauta de exportações continua basicamente constituída pelas commodities mais tradicionais (o complexo soja, açúcar, aves, café, carnes bovina e suína), mas outros produtos também vêm apresentando uma expansão importante, como é o caso das cadeias de frutas e do próprio milho [...]. Grande parte deste crescimento tem respondido à demanda do mercado asiático, sobretudo (...) China e Índia (FLEXOR apud NIERDELE, 2009, p. 9).

No cenário internacional, a Cooperativa exporta à Rússia, Ucrânia, África do Sul, Iraque, China, Japão, Chile, Argentina, Uruguai com prospecção aos Estados Unidos da América, ou seja, apresenta laços comerciais e econômicos com mais “de 60 países” (RELATÓRIO, 2009:2012). Com base na imagem a seguir, é possível analisar a abrangência da atuação da Cooperativa Aurora Alimentos, na perspectiva escalar mundial atual, frente ao mercado consumidor internacional.



**Imagem 2:** Atuação da Cooperativa Central Aurora Alimentos Ltda. no Mercado internacional

**Fonte:** [www.aurora.com.br](http://www.aurora.com.br), acessado em: 19 de out de 2015.

Logo, este cenário agroexportador passou a se desenvolver especialmente à partir da década de 90, neste contexto, um dos principais continentes importador dos produtos Aurora é o continente asiático, que conforme os gráficos 1 e 2 de 2012, representam um

consumo de aproximadamente 40% do total dos bens produzidos pela Aurora, destinados à exportação.

“Hoje o investimento em tecnologia e modernização é premissa básica do planejamento estratégico da empresa<sup>1</sup>”, pois desde 1969, a Aurora vem se adequando aos novos padrões tecnológicos impostos pelo sistema capitalista produtivo e mesmo pelos mercados consumidores, isso quer dizer que, esses agentes geográficos implicam na tecnificação intensiva do espaço, implicando na (re) estruturação territorial globalizada em técnica, ciência e informação.

Assim, podemos dizer que a Aurora é uma empresa do circuito superior da economia urbana, que controla muitos circuitos produtivos, como o circuito do leite, de suínos e aves, além das matérias primas base como rações e genética animal [...]. O controle imposto pelo sistema Aurora no circuito produtivo e econômico do suíno, por exemplo, compreende uma modernidade tecnológica atual, implantada na padronização da modificação genética animal (UDG<sup>2</sup>), na fabricação e manipulação de rações, na utilização da geotecnologia<sup>3</sup>, e nos demais processamentos, até mesmo, em outras cadeias produtivas (P.A.R.<sup>4</sup>), com destino final, o consumidor.

“O departamento de geotecnologia foi criado na Aurora desde 2008 e a partir de então, cuida do mapeamento geográfico das rotas que ligam as unidades cooperativistas aos produtores rurais. Com base na imagem 3, pode-se observar a localização das cooperativas associadas a Aurora, como também as próprias unidades industriais da Aurora Alimentos no recorte espacial, que de maneira hegemônica concentra uma relação de convergência das matérias-primas centralizadas pelas cooperativas associadas. Neste caso, a imagem 3, apresenta os procedimentos geotecnológicos elaborados no departamento animal de suíno, nas áreas do oeste de Santa Catarina e norte do Rio Grande do Sul. Neste contexto, cada produtor recebe um ponto que determina em que espaço da terra o produtor está localizado, dando detalhes sobre latitude e longitude. Da mesma forma, as unidades da Aurora e as cooperativas associadas também são identificadas. Através destas informações são realizados cálculos entre a distância das áreas rurais até as cooperativas. Entretanto,

---

<sup>1</sup> Relatório Anual Aurora 2010, p. 13

<sup>2</sup> Unidade de Desenvolvimento Genético da Cooperativa Aurora, localizado no Distrito de Marechal Borman.

<sup>3</sup> Conjunto de tecnologias utilizadas para coleta, processamento, análise e disponibilização de informações com referência geográfica.

<sup>4</sup> Produto Aurora Rastreado, controle da qualidade do leite por meio de um sistema totalmente automatizado e de última geração, que de maneira inteligente padroniza a matéria-prima, caso contrário o sistema é capaz de parar a produção.

com o gerenciamento dos dados geográficos obtidos pelo sistema técnico e informacional de geotecnologia, a Aurora estuda viabilidades à implantação de novas unidades, ou seja, a tecnologia promove a antecipação espacial, logo, “encontra” áreas estratégicas de implantações industriais em ramos específicos, às demandas apresentadas, fator que comprova o uso corporativo do território pela Cooperativa Aurora Alimentos<sup>5</sup>”.

“A antecipação espacial significa reserva de território, significa garantir para o futuro próximo o controle de uma dada organização espacial, garantindo assim as possibilidades, via ampliação do espaço de atuação, de reprodução de suas condições de produção. E, assim a gestão do território”. (CORRÊA, 1992, p. 118).

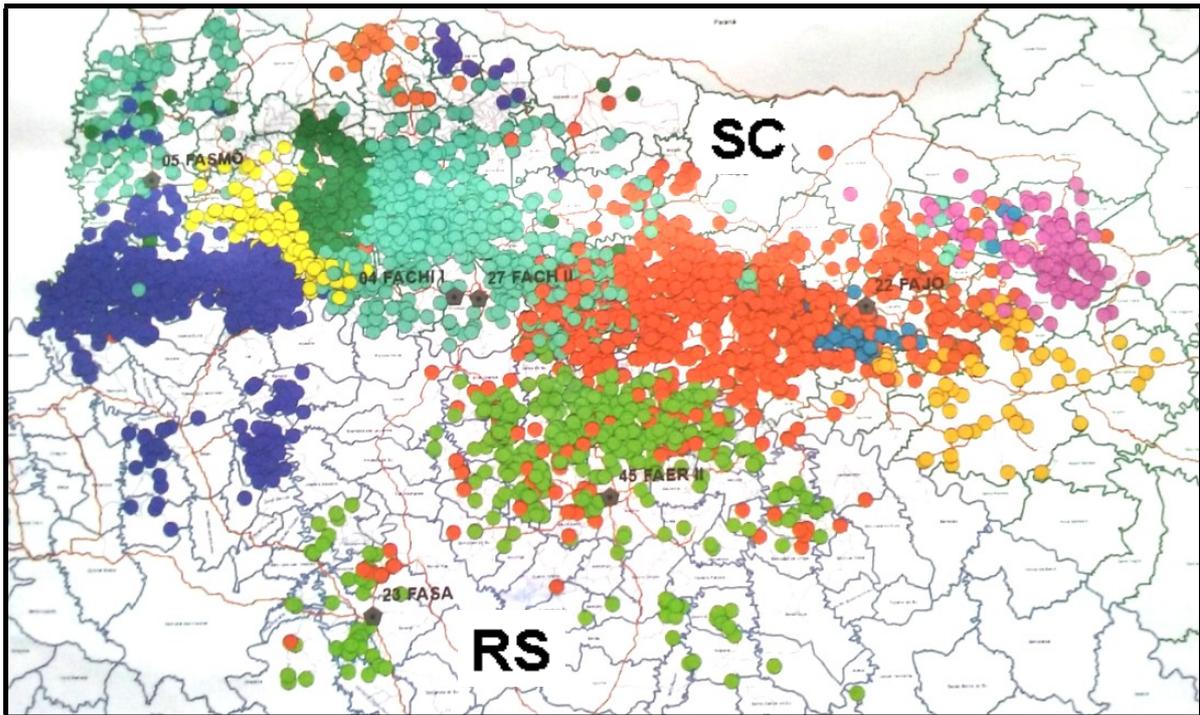
Assim, a empresa prima pela automação industrial, e garante a aplicabilidade do modelo *Just in Time*<sup>6</sup> que se “completa nas práticas da industrialização, armazenamento e transportes internos e externos, até alcançar os consumidores. Tudo perfeitamente sincronizado e ágil, garantindo entregas no mercado interno, em até 24 horas após o pedido” (RELATÓRIO 2012, p. 5).

No entanto, atualmente pode-se dizer que a Cooperativa Aurora, além de ser uma empresa do circuito superior da economia urbana é também uma empresa que estabelece relações multiescalares de concorrência e cooperação, além de usufruir dos aportes tecnológicos oriundos da terceira revolução industrial, os quais a caracterizam como detentora dos processos ligados aos parâmetros do meio técnico\_científico\_informacional, por garantir o poder de aquisição, fusão, construção, consolidação ou desconstrução de fixos e fluxos no espaço geográfico.

---

<sup>5</sup> Fonte: Revista Solte a Voz, Ano XI nº 42 – Outubro de 2015, p. 24;25.

<sup>6</sup> Produzir no tempo e na quantidade certa.



**Legenda:**

Unidades

**Suínocultores/**  
**COOPERATIVAS FILIADAS**

ALFA	COTREL
AURIVERDE	COOPERVIL
COPERDIA	COPERCAMPOS
ITAIPU	CAMISC
COLACER	A1
CASLO	

Cooperativa Central Aurora Alimentos 

Dep. Geotecnologia - Apoio Agropecuário 

Responsável Técnico: Dina Antunes - CREA-RS 68542

Data - 06/08/2015

**Imagem 3:** Estudo da viabilidade espacial à logística produtiva, e à construção de unidades industriais – Uso corporativo do território.

Fonte: Revista Solte a Voz – Outubro de 2015.

## Capítulo II

### 2. CIRCUITO SUPERIOR DA ECONOMIA URBANA E O USO CORPORATIVO DO TERRITÓRIO

#### 2.1 Introdução

Devemos compreender que as empresas do circuito superior da economia, neste período pós moderno, necessitam articular estratégias que as mantenham no cenário globalizado, porém, “a terra do oeste catarinense era vista como um vazio demográfico, de sertão, sem progresso, com indivíduos indesejáveis e atrasados, frente ao imigrante civilizado e progressista”, logo, Chapecó, Santa Catarina, Brasil, era o velho oeste, que “até o início da colonização, era ocupado por diversas famílias caboclas, a maioria sob o regime de posses. Neste cenário, as principais práticas relacionadas ao uso comum da terra e dos recursos naturais, se encontrava a criação de porcos e a extração da erva-mate, enquanto a agricultura era realizada principalmente à subsistência. A baixa ocupação demográfica e o uso da floresta com poucas intervenções, era a principal característica da paisagem regional. No entanto, a colonização, veio trazendo novas concepções de uso e posse da terra, o que deu origem a um processo de intervenção humana e transformação da paisagem cada vez mais profunda, devastando a floresta para a formação de grandes lavouras e a exploração de seus recursos madeireiros em larga escala. Tal processo foi o responsável por diversas rupturas e fragmentações dentro do modo de vida e da paisagem construída pelas populações locais.” (LIMA, 2014; BRANDT, 2011).

BAVARESCO (2006); (BRANDT, 2011) explica que, com tantos desfechos de colonização (1920), já era possível observar no oeste catarinense práticas socioespaciais traçadas com o sentimento de territorialidade, mas, muito antes da colonização já existia esse sentimento vivenciado pelo caboclo, mas com outro enfoque, porém com práticas espaciais semelhantes como: a pecuária, a erva mate, a madeira e a tímida agroindústria.

Neste contexto, a agropecuária regional possuía características baseadas no cultivo diversificado de grãos e cereais, aliados a criação de suínos e aves, em pequenas quantidades, segundo os autores ALVES e MATTEI (2006).

Havia ainda alguns comerciantes que acumulavam o capital, à possível formação de frigoríficos. As pequenas propriedades foram necessárias para a configuração atual da agroindústria, “obtendo a matéria prima dos agricultores através do modelo de integração, e dessa forma as agroindústrias se diferenciavam das demais empresas, pelo controle total que conseguiam manter sobre outro produtor privado.” (ALBA, 2008, p. 24). Tanto poder de controle, que as “mudanças passaram a modificar diretamente os modelos de integração implantados na região. Onde, até hoje se tem a exclusão, não só de operários, mas também de agricultores.” (ALBA, 2002, p. 14).

Logo, este capítulo, visa apresentar as dinâmicas estabelecidas no território desde 1969 aos tempos atuais, seja na escala local, região oeste catarinense, seja na escala global, Brasil-Mundo, considerando a origem, o desenvolvimento e a consolidação agroindustrial da Cooperativa Central Aurora Alimentos Ltda., como um agente geográfico que usa o território corporativamente, empregando estratégias do circuito superior ou do circuito superior marginal da economia urbana.

Onde, “os objetos que constituem o espaço geográfico atual são intencionalmente concebidos para o exercício de certas finalidades, intencionalmente fabricados e intencionalmente localizados”. (SANTOS, 2001, p. 226).

## **2.2 Os processos de formação e transformação da Cooperativa Central Oeste Catarinense Ltda. em Cooperativa Central Aurora Alimentos Ltda.: Consolidação espacial e o uso corporativo do território**

### **1º Período: Breve panorama das inserções empresariais e cooperativistas no oeste catarinense. 1930-1968**

As atividades agroindústrias ganharam um novo viés com a chegada dos imigrantes do Rio Grande do Sul (italianos, alemães e poloneses), pois, estes, alteraram as características das “terras de criar” e das “terras de plantar” em 1916, logo, os imigrantes “desbravadores” em 1930, também aprovaram junto ao governo, a extração madeireira nos campos e planaltos de Santa Catarina, ou seja, retiraram destas terras muitas vegetações, algumas sujeitas à extinção, e onde era “terra de criar” virou confinamento (aviários, chiqueirões), enquanto, as “terras de plantar”, que de antemão servia de subsistência aos

caboclos posseiros, tornou-se “terra de plantation”, assim, os agropecuaristas fecharam os animais e expandiram as plantações. (RENK, 2006); (LIMA, 2014); (BRANDT, 2008).

“Essas pequenas propriedades foram de fundamental importância para formar a base e expandir o capitalismo no campo, organizadas em pequenas propriedades privadas, os agricultores eram produtores de mercadorias que operavam através de parentescos, ou seja, por meio do trabalho familiar, em que os próprios membros da família atuavam na produção excedente para o capital comercial e mais tarde o capital agroindustrial” (ALBA, 2008, p. 24).

Durante a primeira metade da década de 50, o país era governado por Getúlio Vargas, mandato que desenvolveu grandes incentivos nas áreas econômicas de cunhos rurais e tritícolas<sup>7</sup>, em pontos estratégicos na região oeste catarinense.

O desenvolvimento territorial agroindustrial na região sul do Brasil, nesta época encontrava-se em fase inicial de implantação. No entanto, representantes do Estado de Santa Catarina, planejaram garantir a implantação de cooperativas e indústrias voltadas à economia de base agroindustrial. Para que este planejamento se efetivasse, foi necessário comprar um frigorífico ou construí-lo, logo, o Frigorífico Bassanense ou Cooperativa Tritícola Erechim Ltda. (RS), foi adquirido pelo tio-avô de Aury Luiz Bodanese<sup>8</sup>.

Com o passar do tempo, outras cooperativas tentavam se instalar na região oeste de Santa Catarina com os mesmos princípios da Cooperativa Tritícola Erechim Ltda.

Neste período, estava também por se instalar em Chapecó, o Frigorífico SAIC (S.A Indústria e Comércio Chapecó), com grande ápice na economia voltada à suinocultura. Por ser um dos únicos frigoríficos da região, era por tanto, hegemônico, e controlador da oferta das matérias primas locais.

Em função da atividade econômica de Chapecó estar extremamente voltada às áreas de agricultura e pecuária, em 1957, fundou-se, a Cooperativa Tritícola Oeste Catarinense Ltda. localizada no bairro Passo dos Fortes, às margens da antiga estrada que saía para Xaxim.

Em movimento de convergência das cooperativas agropecuárias, à Cooperativa Tritícola, centralizava matérias-primas das seguintes regionalidades: Coronel Freitas, Rodeio Bonito, Colônia Cella, Fazenda Zandavalli e Linha Baldissera.

---

<sup>7</sup> Atividades a base de Trigo.

<sup>8</sup> Fundador da Cooperativa Central Oeste Catarinense Ltda. (SILVESTRIN, 1999).

A organização estrutural da Cooperativa Triticola, havia demonstrado bons resultados quanto a centralidade das matérias-primas, porém, o que faltou, foi o “mercado”, ou seja, não se projetou mercados, não se pensou no comercial, fator que fragilizou o processo agropecuário, a economia regional e conseqüentemente, em 1957 representou a suspensão das atividades realizadas pela Cooperativa Triticola Oeste Catarinense Ltda. (SILVESTRIN, 1999).

Em 1964, outra empresa de caráter privado, passa a ingressar-se no mercado de alimentos, com produtos semi-prontos e congelados: Sadia S.A. em Concórdia.

Contudo, SANTOS (2008, p. 28), afirma que, “os modos de produção tornam-se concretos sobre uma base territorial historicamente determinada”, onde “as transformações no espaço geográfico evidenciam novas formas espaciais (SANTOS, 1994), nesse caso, com o surgimento da Sadia S.A, surge também, uma nova base territorial histórica, que culmina nas amplas modificações espaciais, sob a perspectiva territorial agroindustrial no oeste catarinense.

Dentro da historicidade das transformações, em 1967, Setembrino Zanchet, acompanhava os preparativos para a primeira EFAPI (Exposição Feira Agropecuária e Industrial de Chapecó). Gerente do Banco do Brasil, Zanchet, ao ver o potencial agropecuário da região, somado a falência da Cooperativa Triticola Oeste Catarinense Ltda.(desativada em 1957), buscou traçar estratégias juntamente com Aury Luiz Bodanese, para explorar o potencial econômico agropecuário da região, através de uma nova cooperativa.

A nova cooperativa, teria de centralizar as matérias-primas, e planejar o “mercado”, por isso, *Cooperativa Central*. Esta, desenvolveria seu trabalho à medida dos pilares do “triângulo operativo: o produtor negocia seus produtos com a cooperativa em que está associado; esta, repassa para a Coopercentral que, por sua vez, é a responsável pelos grandes negócios de comercialização junto aos grandes centros” (SILVESTRIN, 1999, p. 89).

Em 1967, surge a nova cooperativa, Cooperativa Mista Agropastoril de Chapecó Ltda. – Cooperchapecó<sup>9</sup> (conforme imagem 4), liderada por Aury L. Bodanese e financiada por S. Zanchet. Esta cooperativa em 29 de outubro de 1967 passou a realizar suas atividades nas instalações da antiga Cooperativa Triticola Oeste Catarinense Ltda.

---

<sup>9</sup> Atualmente Cooperativa Regional Alfa - Cooperalfa

Em pouco tempo, a Cooperchapecó, expandiu sua rede de integrados à: Coronel Freitas, Rodeio Bonito, Colônia Cella, Fazenda Zandavalli e Linha Baldissera, Cunha Porã, Maravilha, Modelo, Pinhalzinho, Saudades e São Carlos, todas estas cidades localizadas no oeste de Santa Catarina.

Com a expansão gradativa da rede de integrados e o aumento da procura por produtos agropecuários, a Cooperchapecó, passa a necessitar de um sistema de objetos mais eficiente, por tanto, mais tecnológico, que propicie melhor produtividade, pois:

“O trabalho começou com um pequeno capital, uma máquina de datilografia, uma calculadora, um silo alugado para receber a primeira safra de trigo e o sócio Alcides Biffi Fin como funcionário no escritório, além do presidente. No depósito, em serviços braçais, trabalhavam mais três homens. Nem bem com um ano de atividade já era criado o primeiro posto de recebimento e comercialização, com 200 associados” (SILVESTRIN, 1999, p. 29).

Em 1968, a Cooperchapecó, aumenta de 200 para 345 associados, criou-se postos de centralização no Alto da Serra, Caxambu do Sul, Nova Erechim, Sobradinho, Águas de Chapecó, entre outras localidades, que ao desenvolverem suas atividades, encaminhavam o total de produções aos postos de centralização e depois se direcionavam à Cooperchapecó.

Neste contexto, a Cooperchapecó adquiriu a Empresa Bertaso Ltda., no prolongamento da rua Fernando Machado, Chapecó, por NCR\$ 24.174,00 (vinte e quatro mil cento e setenta e quatro novos cruzeiros), além de adquirir 22 caminhões que levavam o lema: “Cereais de Santa Catarina para Alimentar o Brasil”<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> SILVESTRIN, 1999. Atualmente se localiza o Posto, o Mercado e a Agropecuária da Cooperativa Regional Alfa.



**Imagem 4:** Cooperativa Mista Agropastoril de Chapecó Ltda (1967)

**Fonte:** < [http://www.cooperalfa.com.br/2010/pagina.php?menu=institucional\\_fotos](http://www.cooperalfa.com.br/2010/pagina.php?menu=institucional_fotos) >



**Imagem 5:** Cooperchapecó<sup>11</sup> na Avenida Fernando Machado (1970).

**Fonte:** < [http://www.cooperalfa.com.br/2010/pagina.php?menu=institucional\\_fotos](http://www.cooperalfa.com.br/2010/pagina.php?menu=institucional_fotos) >

---

<sup>11</sup> Em 1974, a Cooperchapecó uniu-se a Cooperxaxiense, formando a Cooperalfa – Cooperativa Agroindustrial Alfa. Todo esse processo foi motivado por Aury Luiz Bodanese, Setembrino Zanchet e outros 37 agricultores. O principal ideal na criação da Cooperalfa deu-se em função das incertezas do mercado de grãos e, em seguida, do avanço da produção animal em Santa Catarina. Fonte: [www.cooperalfa.com.br](http://www.cooperalfa.com.br), acessado em: 16 de out de 2015.



**Imagem 6:** Filial Cooperalfa de Coronel Freitas

**Fonte:** <[http://www.cooperalfa.com.br/2010/pagina.php?menu=institucional\\_fotos](http://www.cooperalfa.com.br/2010/pagina.php?menu=institucional_fotos)>



**Imagem 7:** Filial Cooperalfa de Coronel Freitas (1975)

**Fonte:** <[http://www.cooperalfa.com.br/2010/pagina.php?menu=institucional\\_fotos](http://www.cooperalfa.com.br/2010/pagina.php?menu=institucional_fotos)>

Com o passar do tempo e a eminente expansão da demanda agroindustrial e da oferta de produtos agropecuários, a Cooperchapecó desenvolve uma fusão com a Coperxaxiense em 1974, formando assim a Cooperativa Regional Alfa (Cooperalfa/Alfa), a qual passou a desdobrar inúmeras atividades nos segmentos de suinocultura, avicultura, citricultura, bovinocultura de leite, recebimento e industrialização de trigo, soja e milho<sup>12</sup>, expandindo o negócio para as regiões mais próximas, criando novos centros de apoio e recebimento como as imagens 5 e 6, servindo também como pilar para a eclosão de outras

---

<sup>12</sup> Fonte: [www.cooperalfa.com.br](http://www.cooperalfa.com.br), acessado em: 16 de out de 2015

cooperativas e sociedades do mesmo gênero produtivo e econômico, como a Cooperativa Central Oeste Catarinense Ltda. (Aurora).

**2º Período: Formação da Cooperativa Central Oeste Catarinense Ltda: Consolidação, expansão e conquista do mercado consumidor brasileiro. 1969 - 1990**

Após um longo percurso cooperativista, em 1969 (15.04.1969), se instala em Chapecó a Cooperativa Central Oeste Catarinense Ltda./Cooperativa Central Oeste Catarinense de Responsabilidade Limitada, criada por oito cooperativas filiadas existentes na época. Neste ano, os incentivos propostos na Lei nº 4.266 de 13 de janeiro de 1969 previa a criação da FUNDESC – Fundo de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina, a fim de garantir a captura de recursos para desenvolver a região nos ramos cooperativistas agroindustriais.

“A única indústria em Chapecó, o Frigorífico Chapecó, não absorvia 30% (trinta por cento) da produção de suínos. O restante, mais o frango, a soja e o milho, por falta de indústrias locais, eram escoados naturalmente para a industrialização em outras regiões: Concórdia, Videira, Curitiba e o norte do Rio Grande do Sul” (SILVESTRIN, 1999, p. 71).

Todavia, estrategicamente, a Cooperativa Central Oeste Catarinense Ltda. seria um objeto geográfico à desenvolver uma centralidade, ou seja, a cooperativa que teria todas as outras cooperativas como filiadas, uma *cooperativa central industrial*. Que com o passar dos anos, se tornaria um agente geográfico hegemônico, centralizador dos bens, e do capital regional. A unidade se instalou, garantindo os seguintes serviços:

“Recebimento, classificação e armazenamento da produção de origem vegetal ou animal, segundo programas operacionais previamente estabelecidos; transporte da produção dos associados aos depósitos da Cooperativa; beneficiamento e industrialização dos produtos se for o caso, registrando as marcas necessárias, venda dos produtos nos mercados locais, nacionais e estrangeiros; compra e fornecimento de gêneros e artigos de uso e consumo pessoal e doméstico, bem como utensílios e máquinas agrícolas, fertilizantes e inseticidas adiantando, em dinheiro, o valor dos produtos recebidos dos associados ou que estejam em fase de produção. Promoverá, ainda a educação cooperativista do quadro social e aprimoramento técnico-profissional dos associados e participará de campanhas de expansão do cooperativismo ou fomento da agricultura e da modernização dos meios de produção” (SILVESTRIN, 1999, p. 64).

Mesmo com uma estrutura de fluxos padronizada, “na década de 1960 a maior dificuldade dos produtores de suínos estava relacionada aos baixos valores pagos pelas indústrias, devido a grande oferta de matéria-prima que fazia os preços despencar” (AVISITE, 2015).

Em 10 de outubro de 1969, a Cooperativa Central, já possuía 4 cooperativas associadas a somar da sua criação, e mais de 10 mil associados, neste momento entrando em negociação com a Massa Falida Marafon<sup>13</sup>.

“Em 1972, o Frigorífico Marafon foi adquirido, iniciaram as reformas e compraram equipamentos e caminhões. No dia 18 de outubro de 1973 foi inaugurado o Frigorífico da Cooperativa Central Oeste Catarinense Aurora (FRICOOPER). Com uma capacidade diária de abate de 150 a 200 suínos na época, produzia inicialmente apenas na linha de cortes, passando posteriormente para produtos industrializados. No princípio, os trabalhos caracterizam-se pela pequena variedade de produtos, por seu modo de produção artesanal e restrito à linha de cortes e produção de banha. No início as atividades eram desenvolvidas por 25 colaboradores. Com o passar do tempo, o número de abates diários do FRICOOPER aumentou, chegando a uma média de 500 suínos diários, atingindo uma das principais metas da indústria que consistia em receber a matéria-prima dos produtores e dar destino a essa produção” (www.avisite.com.br, acessado: 29 de Out de 2015).



**Imagem 8:** Ademir Dariva. Criação de porcos em Quilombo (1969). A expansão da suinocultura e a necessidade da industrialização: Fundação da Cooperativa Central Oeste Catarinense – Fricoper.

**Fonte:** < [http://www.cooperalfa.com.br/2010/pagina.php?menu=institucional\\_fotos](http://www.cooperalfa.com.br/2010/pagina.php?menu=institucional_fotos)>, acessado em 29 de out de 2015.

<sup>13</sup> Atualmente Matriz da Cooperativa Central Aurora Alimentos Ltda. IACH

As atividades agroindustriais, eram necessárias, tanto para a renda do produtor rural, quanto para o desenvolvimento econômico de Chapecó e regiões; Este fator, impulsionou a aquisição do Frigorífico Marafon, pela Cooperativa Central desde 1969, com efetivação da aquisição em 1972, e respectivamente sua inauguração industrial em 1973.

No entanto, a demora à aquisição do Frigorífico que vinha se promulgando desde 1969, não foi pela falta de incentivos fiscais, nem mesmo pela inadimplência da FUNDESC<sup>14</sup>, e sim, por que “no financiamento às agroindústrias da região, detinham na participação política, os donos dos meios de produção, ou seja, nos cargos de governança do Estado, encontravam-se ali os donos dos frigoríficos” (Plínio Arlindo de Nes – Dono do Frigorífico Chapecó, e Atilio Fontana – Dono do Frigorífico Sadia S.A), que tentavam impedir a instalação da Cooperativa Central no Frigorífico Marafon.

Neste contexto, “gerou-se articulações entre, o Estado e as empresas”, e conseqüentemente, a demora da implantação da Cooperativa Central em Chapecó (ALBA, 2002, p. 13). Enfim, em 18 de outubro de 1973, a Cooperativa Central inaugura a Indústria Aurora de Chapecó – IACH e inicia suas atividades agroindustriais<sup>15</sup>.

Posteriormente a aquisição do Frigorífico Marafon, e com o mesmo já reformado, a indústria começa a operar abatendo 250 suínos por dia, que logo, passou a abater 500 suínos/dia, e assim sucessivamente até os dias atuais. Com a operacionalização da indústria de bens de consumo não duráveis, surge à marca AURORA.

Em 1970, segundo PERTILLE (2007), visava-se muito modernizar a agricultura de Santa Catarina, aliando a modernização ao conjunto de técnicas assistenciais direcionadas ao ramo específico. Todavia, se a intenção era modernizar a agricultura, logo, também seria necessário modernizar a pecuária, ambas as atividades deveriam produzir mais, melhor, em menos tempo e garantindo maior margem lucrativa às agroindústrias.

“o crescente desenvolvimento da suinocultura, estimulada pela intensificação das atividades dos grandes frigoríficos instalados na região oeste do Estado, constitui-se em importante fator de desenvolvimento econômico. Isso provoca efeitos multiplicadores de renda e gera mais de 150 mil empregos diretos em todos os setores da economia. Além dos empregos diretos que aglutinam produtores rurais na criação e engorda de

<sup>14</sup> SILVESTRIN, 1999.

<sup>15</sup> “Atualmente a unidade possui 672 funcionários diretos e conta com 69 trabalhadores terceirizados. A produção da unidade encontra-se voltada para o mercado interno, que compõem mensalmente 1.200 toneladas de cozidos, 350 toneladas de fatiados, 750 toneladas de empanados e 130 toneladas de curados” (Avesite, acessado em: 20.10.15).

suínos, destaca-se, ainda, a mão de obra nos abatedouros, transportes, administração, técnicos. Indiretamente, muitos outros campos de trabalho são criados” (BAVARESCO, 2006, p.13).

Com a potencialização da agroindústria na região, o capital passou a exercer certa organização subjetiva no território, desenvolvendo áreas especializadas às atividades desenvolvidas sobre o espaço/território, ou ainda, tornado-se ao longo do tempo espacialidades que visam atender as corporações encontradas no espaço.

Em 1974, iniciou-se o processamento de grãos na Fábrica de Rações Chapecó, localizada na rua João Martins 219, bairro São Cristóvão aos fundos do antigo Frigorífico Marafon, indústria que fábrica rações até os dias atuais.

No ano de 1985 a Cooperativa Central adquiriu da antiga Sipal Rações a fábrica de rações localizada na rua Ferdinando Ricietri Tusseti com Avenida Atilio Fontana, que na época recebeu o nome de Nutricoper II. No entanto, esta unidade foi negociada em 2012 como uma das formas de pagamento ao Grupo Sperandio em prol da aquisição do Frigorífico Bondio Alimentos S.A – nomeado posteriormente de FAG. Já nos anos de 1995, a Cooperativa Central construiu a Unidade Armazenadora de Cereais, localizada no acesso a BR 282, na Rua Plínio Arlindo de Nes, a qual possui atividades eficientes até os dias atuais.

“Cada momento da construção do espaço no oeste catarinense passa, a ser marcado pela implantação de numerosas técnicas e elas são efetivadas para atender as novas necessidades de reprodução do capital” (PERTILLE, 2007, p. 160). Neste contexto, de construção do espaço, em 1982 a Cooperativa Central adquire o Frigorífico de Suínos e a marca Peperi de São Miguel do Oeste (SC).

Posteriormente em 1984, iniciou-se na cidade de Videira atividades voltadas à produção de Sucos da marca Dellis. Observando que, a fruticultura não garantia muitos retornos lucrativos, a mesma foi vendida (2006), e com o capital financeiro adquirido da venda da unidade de Videira, a Cooperativa Central construiu em Pinhalzinho, às margens da BR 282 uma Indústria Láctea (2007), mas, “em 2009, a unidade teve um grande sinistro material, através de um incêndio que destruiu parcialmente a unidade de Pinhalzinho, logo, os 600.000 litros de leite que a Cooperativa processava diariamente, foi destinado às empresas parceiras do ramo. A Cooperativa investiu R\$ 160 milhões de reais na reforma da unidade, que em 2011 foi reinaugurada como uma das mais modernas da região, com

produção prevista à processar 2 milhões de litros de leite/dia” sendo a primeira a produzir o leite 0 Lactose<sup>16</sup>”.

“A bacia leiteira formada pela área de atuação da Aurora gera 3,5 milhões de litros por dia, 25% dos quais é produzido dentro do sistema cooperativista. A indústria é alimentada por 14.400 produtores associados a um grupo de onze cooperativas filiadas à Aurora: Cooperalfa, CooperA1, Copédia, Coperio, Cooperauriverde, Cooperitaipu, Cotrisal, Colacer, Coopervil, Camisc e Cotrel.” (www.aviculturaindustrial.com.br, acessado em: 19 de out de 2015)<sup>17</sup>.

Seja na atividade leiteira, ou no processamento de carnes, à medida que a demanda aumenta, aumenta-se a produtividade, logo, é imprescindível deter de objetos geográficos para armazenamento da produção, no entanto, este armazenamento é rotativo e necessita de um ponto estratégico de localização para facilitar o escoamento dos produtos aos mercados consumidores, por isso, em 1987, a Cooperativa Central instala na cidade de Guarulhos, São Paulo uma filial agroindustrial de armazenamento e de distribuição de produtos.

Um ano depois, 1988, a Cooperativa Central, com dois frigoríficos de suínos, decidiu expandir o processamento de carnes na cidade de Maravilha, inaugurando um Frigorífico de Aves.

Nesta perspectiva a Cooperativa Central Oeste Catarinense Ltda. gradativamente foi se expandindo e se consolidando no espaço geográfico tornando-o territorialidades, as quais neste período de 1969 até 1990 atenderam as expectativas do mercado consumidor brasileiro.

### **2.3 Cooperativa Central: Expansão dos produtos Aurora para o mercado internacional – Globalização (1991 – 2007)**

De acordo com Siffert Filho e Silva (1999, p. 377), “o processo de globalização, ampliou os mercados por meio de quedas de barreiras aos fluxos de bens, serviços e capitais, alterando o ambiente institucional em que as empresas estavam acostumadas a operar”, além de intensificar a concorrência inter-empresarial. Através dos parâmetros da

---

<sup>16</sup> Relatório Anual Aurora, 2015; Fonte: www.aviculturaindustrial.com.br, acessado em: 19 de out de 2015

<sup>17</sup> “Mas segundo o gerente de lácteos Nereu Selli, a parceria com outras empresas deve continuar. Isso porque, além dos 400 mil litros diários industrializados, a Aurora vende 600 mil litros diários para outras empresas. Mesmo com indústria própria, ainda haverá um excedente de 300 mil litros. O plano é dobrar a captação de leite (A Notícia/SC).” (www.terraviva.com.br, acessado em: 16 de out de 2015).

globalização, foi possível expandir fluxos internacionais, principalmente à partir da década de 90.

Conforme os Mapas abaixo, Chapecó neste período já havia mudado muito, em decorrência das instalações agroindústrias, implicando no processo de urbanização na região. Neste período, a Unidade da Cooperativa Central Oeste catarinense Ltda., localizada no Bairros São Cristóvão, já se encontrava dentro da cidade, logo, seria necessário, pensar em um complexo agroindustrial distante da mancha urbana de Chapecó.



**Imagem 9:** Chapecó Década de 60 – 70

Fonte: [www.skyscrapercity.com](http://www.skyscrapercity.com)



**Imagem 10:** Chapecó - Anos 90 e 2000

Fonte: [www.zucchi.com.br](http://www.zucchi.com.br)

Com o desenvolvimento e a aplicabilidade de novas técnicas de produção agroindustrial, os resultados foram o aumento da produtividade e consequentemente a geração do superávit produtivo, fatores que transformaram o agronegócio brasileiro em um dos mais dinâmicos setores da economia nacional, apontando assim, à centralidade econômica e política deste setor.

Motivadas pela abertura econômica, a estabilização e as mudanças das ações estatais, a partir dos anos 90, a Cooperativa Central, moderniza-se, e neste desfecho, instala em 1992 um novo Frigorífico (Frigorífico Aurora de Chapecó – FACH I), localizado no alto da divisa entre os municípios de Chapecó e Guatambú, o qual primeiramente previa abater 1500 suínos por dia,<sup>18</sup>atendendo o mercado interno, porém com foco na abertura de mercados consumidores internacionais.

Desta forma, em 2001, a Cooperativa Central passou a produzir produtos com equipamentos de alta tecnologia, especialmente para atender o comércio mundial, que veio crescendo em ritmo acelerado até os dias atuais. Logo, o FACH I, incorporou novos

<sup>18</sup> Atualmente a unidade abate 5.000 suínos por turno, isso representa em 23 anos um aumento produtivo de aproximadamente 334,00%.

compartimentos à fim de ampliar o processamento industrial da carne e derivados da matéria-prima suína.

Nesta perspectiva, a Cooperativa Central, simultaneamente, em 1996, inaugura o Frigorífico de Aves em Quilombo (FAQUI), que impreterivelmente forçou a chamada “guerra fiscal” entre os espaços do oeste catarinense. Na época a cidade de Quilombo, tornou-se oportuna, já que, promoveu incentivos fiscais atrativos, além de ser uma área de abrangência estratégica, uma vez que polariza outras cooperativas associadas.

Conforme PEREIRA (2006, p. 64), “a ideia e a prática atual desses agentes hegemônicos da economia, são, no contexto do atual capitalismo globalizado, o encontro do lugar (no conjunto de um território nacional) que mais satisfaça os seus interesses produtivos”, por isso, no ano de 2002, a Cooperativa Central “encontrou” novos lugares, estes, por sua vez, localizam-se na cidade de Joaçaba, Santa Catarina enquanto a outra foi alugada no município de Sarandi, Rio Grande do Sul.

Já no ano de 2003, a Corporação, arrendou as instalações da Massa Falida Chapecó Alimentos, antigo SAIC, localizado na Rua Barão do Rio Branco, 1272 E, Bairro Saic em Chapecó, que após 12 anos de arrendamento, “período em que a Aurora otimizou as atividades do frigorífico, processando matéria-prima regional e empregando mão de obra local” houve a aquisição legal da indústria pela Cooperativa Aurora em julho de 2015. “Além da indústria de suínos, a compra alcança um conjunto de ativos que entre granja de suínos e reflorestamentos, perfazem uma área total de aproximadamente 780 hectares”.

Em 2005 e 2006, a Cooperativa Central realizou parceria com a Cooperativa Cotrel, alugando dois frigoríficos, um de aves e um de suínos, mais uma fábrica de rações, todas situadas na cidade de Erechim (RS), mantendo-se alugada até hoje.

Respectivamente “as exportações brasileiras cresceram 149,5% no período compreendido entre 2000 e 2006<sup>19</sup>”, superando as expectativas do setor agroindustrial.

---

<sup>19</sup> \*ARAÚJO, Bruno C. O; \*\*NEGRI, João A. **As empresas brasileiras e o comércio internacional.**

## Capítulo III

### 3. CONCENTRAÇÃO DE CAPITAIS E A FORMAÇÃO EFETIVA DE OLIGOPÓLIO TERRITORIAL

#### 3.1 Economia Nacional e Internacional: De Cooperativa Central Oeste Catarinense Ltda. à Cooperativa Central Aurora Alimentos Ltda. (2008-2015)

Os anos de 2008 e 2009, foram anos de crise econômica, aliada a desvalorização do dólar frente ao real, gerou impasses negativos, e uma das consequências desta crise, foi o aumento nos tramites de fusões e aquisições entre grandes corporações, que acabou por concentrar setores no Brasil, como por exemplo, o setor da carne, além do aumento significativo de arrendamentos de instalações frigoríficas, das quais as empresas de origem apresentavam dificuldades. Neste contexto, para que as empresas pudessem aumentar a produção, reduzir os custos e despesas, agregando ao aumento vendas, foi necessário conseguir/criar competitividade e lucro.

Boa parte das empresas, senão todas as empresas, sejam de qualquer ramo produtivo, neste período de crise e pós-crise econômica internacional passaram a reduzir custos, e com a Aurora não foi diferente. A unidade Frigorífica do meio oeste de Santa Catarina, FAJO (Joaçaba), teve de paralisar suas atividades industriais e demitir aproximadamente 200 funcionários. A unidade, possuía capacidade de abate de 1200 suínos/dia, no entanto o volume total de abates e o produtor rural não foram prejudicados, pois a matéria-prima foi absorvida pelas demais unidades da Cooperativa conforme o organograma a seguir.

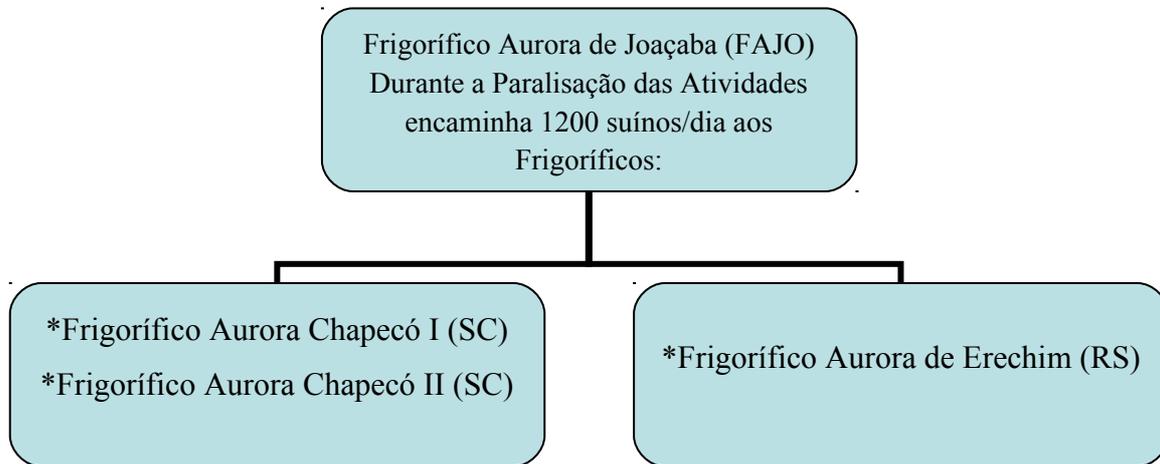
“A decisão resultou da acentuada e prolongada queda das exportações catarinenses de carne suína, o que impactou diretamente nos resultados da indústria de Joaçaba, credenciada para exportações aos principais mercados externos. Esse fato associou-se a outro, de natureza ambiental: a insuficiência da água para suprimento da indústria.”  
([www.aviculturaindustrial.com.br](http://www.aviculturaindustrial.com.br), acessado em: 19 de out de 2015).

Todavia, com o prolongamento da crise no primeiro semestre, a unidade de Quilombo também acabou por suspender as suas atividades de processamento de aves.”<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> Relatório Anual Aurora 2009, p. 12

“A avicultura também teve um ano atípico. A diminuição da demanda mundial por carne de frango – especialmente na Ásia e na Europa – determinou queda generalizada nas exportações brasileiras e impactou negativamente a produção. Para operacionalizar essa redução, foi desativado um turno na unidade de Quilombo (SC)”. (www.aviculturaindustrial.com.br, acessado em: 19 de out de 2015).



Organograma 1: Estratégia de viabilidade produtiva do Frigorífico Aurora de Joaçaba (FAJO).

Fonte: www.aviculturaindustrial.com.br, publicado em: 2 de abr de 2009, acessado em: 19 de out de 2015, organizado por Joseane de Lima.

“A paralisação temporária de Joaçaba não representou nenhum recuo na atividade econômico-financeira nem afetou a produção total de carne suína. Além de não reduzir o volume de operações, esta medida otimizou os processos de industrialização e gerou uma economia de aproximadamente 7 milhões de reais em 2009.” (www.aviculturaindustrial.com.br, publicado em: 2 de abr de 2009, acessado em: 19 de out de 2015).

No ano de 2009 teve “uma redução nos abates de aves de 13,1% em cabeças quando comparado a 2008, *essa redução ocorreu devido a necessidade de ajuste na oferta de carnes de frango no mercado, visando uma melhora nos preços e estabilização do mesmo*<sup>21</sup>”, ou seja, as grandes corporações estipulam estratégias subjetivas sobre o espaço, na tentativa de obter mais lucratividade, porém, com menos investimento de capital e seus aportes, isso pode significar o uso corporativo do território, com intencionalidades cooperativistas que favorece a grande massa financeira, os donos dos meios de produção e “esmaga”, neste caso, o avicultor.

Devido ao fato da Cooperativa Central Oeste Catarinense Ltda. possuir cooperativas associadas, favoreceu a “produção de carnes, uma vez que, a alta safra

<sup>21</sup>Relatório, 2009, P. 12

nacional, possibilitou um abastecimento de milho com baixo custo, desta forma o custo da produção de carnes foi menor, o que propiciou uma melhor rentabilidade no agronegócio”.

Como resposta a esse período de crise é que em 2012 foi adquirida a empresa BONDIO ALIMENTOS S.A., uma vez que, não ser cooperativa à desfavoreceu, assim, como a Diplomata de Xaxim.

Enquanto a Cooperativa Aurora detinha aproximadamente 13 Cooperativas Associadas, a Bondio Alimentos não tinha nenhuma. Assim, durante a crise da matéria-prima agroindustrial a Cooperativa Aurora detinha grande quantidade de milho, oriundo das Cooperativas Associadas. O milho centralizado foi mais do que suficiente para manter as unidades e os processamentos industriais da Cooperativa Aurora com baixo custo, podendo a Cooperativa vender ou manter partes do excedente de milho como reserva.

Por outro lado, a empresa Bondio, sem vínculo cooperativista, tinha de manter sua produção, importando milho do Paraguai com altos custos, já que os contratos não conseguiram manter preços acessíveis devido à lei da oferta e da demanda neste período; E para ampliar os custos da produção, a logística do milho também se tornou inviável às unidades empresariais, além é claro, da desvalorização do dólar, logo, o investimento por parte das agroindústrias (S.A), era maior do que seu resultado lucrativo, fato que resultou em déficits orçamentários e produtivos, posteriormente na falência de muitas indústrias. Nestas circunstâncias a Bondio entra em negociação com a Cooperativa Aurora.

Portanto, “quando muitas empresas exportadoras do segmento, não resistiram ao difícil momento da economia mundial, a Aurora Alimentos conseguiu manter sua condição de exportadora, dentro da melhor possibilidade que o mercado ofereceu”.

Mesmo neste contexto de crise econômica e produtiva, em 2009, a Cooperativa Central decide implantar na BR-158 Km 11 em Cunha Porã (SC), a maior, mais moderna e tecnológica fábrica de rações para aves do Brasil, com um investimento de R\$ 65milhões.

“A nova fábrica gerou 75 novos empregos diretos e 350 novos empregos indiretos. A Aurora centralizou ali, a fabricação de rações para aves. A localização da unidade, a qualidade dos equipamentos e a nova operação logística proporcionarão uma economia 11 milhões de reais por ano à Aurora. A indústria tem capacidade dinâmica de recebimento de milho e farelo de soja de 300 toneladas por hora, capacidade estática de armazenagem de milho de 25.000 toneladas e capacidade estática de armazenagem de farelo de soja de 2.800 toneladas. Essa configuração proporciona a produção de 80 toneladas de ração por hora. ([www.aviculturaindustrial.com.br](http://www.aviculturaindustrial.com.br), acessado em: 19 de out de 2015).

Ainda em 2009, a cooperativa, manteve parceria com a empresa processadora de carnes bovinas BERTIN<sup>22</sup>. E definitivamente, após várias parcerias produtivas, neste mesmo ano, mediante instrumentos legais, houve a aquisição da marca NOBRE, NOBREZA, CAPPONE e DA FAZENDA à Cooperativa Central Oeste Catarinense Ltda., que de antemão, eram marcas da Cooperativa Triticola Erechim Ltda. (Cotrel). A compra das marcas ocorreu em 2007, porém se efetivou somente em 2009, no entanto, os frigoríficos encontram-se arrendados<sup>23</sup>.

Além do mais, em 2009, a Aurora completou 40 anos de implantação no Oeste Catarinense, que segundo o Relatório Anual Aurora, a Cooperativa, foi a responsável de ter trazido à “TERRA DE NINGUÉM” emprego e renda, além de representar, de fato, um papel importante na economia.

“A Aurora Alimentos acredita que a mudança rumo à sustentabilidade exige determinação de propósitos, liderança firme e capacidade de enxergar oportunidades onde a maioria vê riscos e uma crença inabalável em novos princípios de atuação mais respeitosa para com as pessoas e o planeta” (Relatório 2009, p. 120).

O oeste de Santa Catarina, nunca foi terra de ninguém, pois sempre houve aqui caboclos, índios, posseiros, e a “possibilidade de enxergar oportunidades onde a maioria vê riscos e uma crença inabalável” remete-se ao discurso dos pioneiros e empresários, à terra de bandido e fugitivos de guerras, quando na verdade a ocupação do oeste catarinense pelos imigrantes e pelas indústrias motivou-se muito antes da “marcha para oeste” e da

<sup>22</sup> Relatório Anual Aurora 2009. Bertin: conglomerado brasileiro fundado na cidade de Lins em São Paulo, atualmente atua nas áreas de infra-estrutura, energia, equipamento de proteção, agronegócio, alimentação e hotelaria. “O Grupo Bertin iniciou suas atividades na cidade de Lins noroeste do estado de São Paulo, a empresa é uma das maiores produtoras e exportadoras de produtos de origem animal da América Latina, o grupo, aposta no aproveitamento pleno da cadeia produtiva bovina, além de manter o conglomerado industrial focado em várias divisões de negócios: carne bovina in natura e processada, lácteos, couros, produtos pet e higiene e limpeza, agropecuária, EPI’S (equipamentos de proteção individual), infra-estrutura civil, concessões de rodovias, concessões de saneamento básico, atua com pequenas centrais hidrelétricas, usinas de biodiesel, álcool, e um resort, assim, seus produtos e serviços são destinados a mais de 100 países, dos cinco continentes, os quais contam com aproximadamente 12 marcas produtivas e comerciais. Desde 2007, a empresa passou a vender ações na bolsa de valores, logo, a Bertin não é mais uma empresa Ltda, e sim uma S.A. “O grupo Bertini em 2009, assumiu fusão com a JBS, sendo que o novo grupo representaria aproximadamente 25% do mercado brasileiro de carnes, em 2010 houve rumores de encerramento da fusão, no entanto nada comprovado. A Friboi (JBS), é a quinta maior indústria de carne do mundo em volume de produção, só perdendo para multinacionais americanas, entre as quais se destacam a Tyson Foods e a Cargill, logo, o Bertin tem metade do tamanho do Friboi.” Fonte: Castanharo, Ana Maria; Uehara, Juliana; Oliveira, Simone Lima. Reciclagem Do Plástico: Uma Alternativa Da Logística Reversa Para Garantir A Responsabilidade Ambiental Na Empresa Bertin Ambiental Lins – SP. Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – UNISALESIANO, 2009). Fonte: [www.exame.abril.com.br](http://www.exame.abril.com.br) publicada em 20 de mai de 2004. Acessada em: 16 de out de 2015.

<sup>23</sup> Relatório Anual, 2009, p. 97

vinda dos refugiados europeus. Para além de garantir a delimitação da fronteira brasileira, as indústrias se instalaram aqui, para explorar os recursos naturais e não de fato “respeitar as pessoas e o planeta”, uma vez que, retira-se da natureza mais do que ela oferece, e suga-se do trabalhador fabril o máximo de sua “mais valia”.

Neste contexto, de exploração da mão-de-obra frente a mais valia do trabalhador fabril, a Cooperativa Central, desde 2007 estipulou estratégias para usufruir efetivamente os recursos naturais disponíveis no território, neste caso: a água e o relevo acidentado do planalto catarinense. Esta estratégia visa conectar os recursos naturais, o homem, a geração de uma economia com menor custo de produção, e ao mesmo tempo, uma imagem da empresa como sustentável, à medida que se constrói a Unidade Central Geradora de Energia Elétrica.

“A Aurora Alimentos iniciou em 2007, a construção da sua própria Central Geradora de Energia Elétrica em Chapecó”, este objeto geográfico utiliza-se de um discurso de sustentabilidade, quando na verdade a construção desta PCH, ampliará os resultados financeiros da indústria<sup>24</sup>.

A PCH, em fase de construção pela Cooperativa Aurora, encontra-se:

“localizado entre as comunidades de Caçador Baixo e 25 de Maio, em Barra Bonita e linha São Jorge - Romelânida, terá uma área alagada de 91 hectares, ou seja, na várzea do Rio das Antas que era altamente produtivas, ficarão submersas, inclusive a família do próprio prefeito terá mais de 30 hectares inundados. O custo da obra gira em torno de R\$ 50 milhões e sua capacidade será de 8,7 megawatts, o suficiente para atender a cerca de 15 mil residências. A energia gerada será inserida na subestação da Celesc em São Miguel do Oeste” a precisão é de empregar diretamente 120 pessoas, e atualmente mais de 90% dos agricultores que terão áreas de terra alagadas já foram indenizados.” (Folha do Oeste, 2011. Acessado em: 19 de out de 2015).

“A obra, foi consorciada pela Mauê SA - Geradora e Fornecedora de Insumos, que nasceu da união das cooperativas do oeste catarinense com o objetivo principal de gerar energia elétrica através da exploração de potenciais hidrelétricos, construindo pequenas centrais hidrelétricas (PCHs). Entre as Cooperativas que fazem parte deste grupo de investidores estão: Copérdia – Concórdia, Cooper Itaipu – Pinhalzinho, Auriverde - Cunha Porã, Cooper A1 – Palmitos, Coopercampos - Campos Novos, Cooper Central Aurora – Chapecó, Cooper Alfa – Chapecó e a Ceraçá – Saudades, logo, os agricultores atingidos

---

<sup>24</sup> Relatório, 2009, p. 4;123

pela barragem, certamente serão possíveis trabalhadores dos processos industriais das cooperativas.<sup>25</sup>”

No entanto, com expressiva diminuição dos principais custos de produção, a empresa passa também a terceirizar sua mão-de-obra e serviços, “permitindo compor um quadro de ganhos, expansão e crescimento<sup>26</sup>”, muitas vezes, através da espoliação do direito do trabalhador.

Mesmo assim, para que a empresa possa estabelecer relações comerciais nacionais e internacionais, é necessário que o agente geográfico cumpra “exigências impostas pelo Ministério da Agricultura. Este fator possibilitará, ao agente geográfico a habilitação ou não aos mercados consumidores, em especial ao mercado internacional, graças às suas exigências, estes mercados, garantem grandes possibilidades de retornos econômicos”. Porém, muitas vezes este processo de habilitação do Ministério da Agricultura encontra-se camuflado em apoios políticos, ou seja, camuflado nas relações entre Empresa – Estado, subordinado - subordinante<sup>27</sup>.

Enquanto 2008 e 2009 tiveram seus altos e baixos, o ano de 2010 foi um ano de superação frente à crise financeira mundial de 2008, a qual causou implicações no ano de 2009, uma delas foi a redução da produção de rações suínas em quase 23,98%, esta redução deve-se basicamente ao fato da Fábrica de Rações de Quilombo ter encerrado o contrato de arrendamento com a cooperativa, assim, a fábrica de Quilombo passou a produzir e vender ração para a Aurora. Porém, ao rescindirem o contrato de locação da fábrica de Rações em Quilombo, surgiu o planejamento de investir neste ano de “superação” (2009), nas fábricas de rações em Xanxerê e Cunha Porã, para que estas em 2011 viessem a atingir sua capacidade máxima produtiva.

Enquanto isso, no ano de 2010, a Cooperativa Central arrendou o Frigorífico da Avepar, localizado em Abelardo Luz (SC), incorporando a unidade frigorífica da Avepar à Cooperativa Central, aliada a linha de produtos produzidos e os integrados do frigorífico. A efetivação da compra, desta unidade em Abelardo Luz aconteceu em abril de 2015, sendo que, neste mesmo ano, a Cooperativa Central arrendou também a fábrica de rações, do frigorífico Avepar, localizado na cidade de Xanxerê.

---

<sup>25</sup>www.folhadoeste.com.br, publicado em: 17 de Nov de 2011, acessado em: 19 de out de 2015

<sup>26</sup> Relatório 2009, p. 5

<sup>27</sup>Relatório 2009, P. 16

A Cooperativa Central também manteve no ano de 2010 a parceria com a empresa Mais Frango<sup>28</sup> de Miraguai, no Rio Grande do Sul. Como a cooperativa já possuía parceria com a empresa Bertin, no processamento de carne bovina, a mesma, desenvolveu novas relações produtivas e econômicas com a “conceituada empresa JBS<sup>29</sup>”. Todavia, no segmento da linha de “pizzas, pão de queijo e lasanhas, a Aurora expandiu suas parcerias com a Indústria Big Foods (Indústria de Produtos Alimentícios Ltda)<sup>30</sup>”.

Outrora, a estratégia para este período histórico geográfico foi desenvolver parcerias benéficas, que ampliassem o mix de produtos da marca Aurora, agradando o consumidor, porém com menor custo de produção.

Nesta mesma perspectiva, segundo o relatório Anual da Aurora (2009, p.13) “o ano de 2010 foi para a linha láctea um ano positivo, considerando a recuperação dos preços, a proteção do governo quanto à importação de leite, seus derivados e uma boa demanda interna”.

No entanto a empresa apresenta certo receio nas atividades voltadas ao ramo lácteo, “a tendência da concentração de empresas do ramo continua forte”, neste trecho, a empresa reconhece ter uma possível disputa pelo território produtivo do leite na região oeste catarinense.

Todavia:

“Após um considerável período como país exportador de leite, o Brasil passou a ser visado pelos outros países, principalmente na região do MERCOSUL, como um mercado consumidor atrativo. A ausência de restrições tarifárias facilitou a entrada de leite de outros países, desequilibrando a lei interna da oferta e procura. Em tempo, o governo

---

<sup>28</sup> A empresa Mais Frango, foi fundada em junho de 2007, e atualmente exporta produtos para 50 países, além de manter relações com outras unidades industriais, no procedimento de industrialização avícola.

<sup>29</sup> Relatório Anual Aurora 2010, p. 31. “A JBS S.A. foi fundada em 1953, na cidade de Anápolis (GO), é uma das maiores indústrias de alimentos do mundo, no processamento e comercialização de carnes bovina, suína, ovina, frango, e couros, além de trabalhar com produtos de higiene e limpeza, colágeno, embalagens metálicas, biodiesel entre outros. Sendo que, em 2009 a JBS comprou ações da Bertin, assumindo as unidades da Frangosul, Tramonto e Agroveneto, como também compra operações da Seara Brasil (2013), logo em 2014 a JBS compra 100% da empresa Big Frango, localizada no estado do Paraná. Fonte: [www.wikipédia.com.br](http://www.wikipédia.com.br), acessado em: 16 de out de 2015.

<sup>30</sup> Relatório Anual Aurora 2010, p. 32; Esta parceria, encontra-se descrita no Relatório Anual Aurora de 2009, porém a Big Foods em 2012 é “comprada pela Sadia S.A por R\$ 53,5 milhões. A Big Foods é uma empresa de congelados que tem parque industrial em Tatuí, no interior de São Paulo, com capacidade anual de produção de 20 mil toneladas de produtos industrializados congelados, é uma empresa especializada na produção de sanduíches prontos, lasanhas, pizzas, pães, salgados, pão de queijo e produtos de confeitaria. Fonte: [www.g1.globo.com](http://www.g1.globo.com), publicado em: 03 de dez de 2007, acessado em: 16 de out de 2015

brasileiro impôs medidas restritivas à importação, minimizando o impacto”. (Relatório, 2009, P. 30).

Já no Relatório de 2010 da Aurora, “algumas empresas terciárias intervêm nas negociações, buscando o interesse próprio e prejudicando o mercado interno”, pois:

“A consolidação do Oeste Catarinense como uma das maiores bacias leiteiras do Brasil, junto com o Noroeste Gaúcho e Sudoeste do Paraná, vem atraindo empresas tradicionais de outras regiões. Além das já instaladas, há poucos anos, Italc/Passo Fundo, Nestlé/Palmeiras das Missões, Confepar/Pato Branco, outras estão ampliando e investindo na região, como os Laticínios Belos Vista (Piracanjuba) em Maravilha, a Tirolez em Caxambú do Sul e a Nestlé em Carazinho. No decorrer do ano, a Aurora estudou e prospectou regiões estratégicas para fazer frente a estas investidas em nossa área de atuação. A tendência da concentração de empresas continua, foi o que ocorreu no final deste ano com a fusão entre a Monticiano, braço lácteo da GP Investimentos, detentora das marcas Paulista, LeitBom, Parmalat, e o Grupo Bom Gosto, formando a LBR – Lácteos Brasil, com forte investimento do BNDES” (Relatório 2010, p. 35 – 36).

Isso quer dizer que, como a Aurora desencadeou uma gama de ações de caráter oligopolista pelo território, em especial no oeste catarinense, a mesma acredita ser a única a poder explorar os potenciais agropecuários e industriais deste espaço usado. A partir de então a empresa vem investindo neste segmento lácteo na “unidade de lácteos de Pinhalzinho/SC totalizando R\$ 67 milhões, e na fábrica de ração de Cunha Porã/SC totalizando R\$ 1,6 milhões. Ambas as obras tem previsão de finalização em 02/2011<sup>31</sup>”.

“No Brasil, o ano de 2010 foi de recuperação para as agroindústrias brasileiras e 2011 de consolidação<sup>32</sup>” de todos os setores produtivos, especialmente o setor leiteiro, e como comprovação de consolidação territorial em “02 de julho de 2011, dia Internacional do Cooperativismo, a Aurora e suas Filiadas, inauguraram uma das maiores e mais modernas indústrias de produtos lácteos do país e da América Latina, localizada em Pinhalzinho (SC)<sup>33</sup>”, como um dos setores que se.

Isso por que:

“nos últimos anos o Brasil vem se destacando como potencial consumidor, e no mercado de lácteos não é diferente. As importações batem recordes sucessivos. A Argentina e o Uruguai permanecem como principais fornecedores, contudo, este mercado já chama a atenção de

---

<sup>31</sup> Relatório 2010, p. 81

<sup>32</sup> Relatório 2011, p. 73

<sup>33</sup> Relatório 2011, p. 43

outros países como Chile, Nova Zelândia e Holanda” (Relatório 2011, p. 38).

Neste mesmo ano, a cooperativa aumentou expressivamente a produção de queijos e bebidas lácteas, pois, passou a adquirir serviços da “Indústria e Comércio de Laticínios Oliveira, em Vargeão, Santa Catarina, que foi arrendada para a produção de queijos, bebidas lácteas e creme de leite (A Notícia/SC) <sup>34</sup>”.

Na suinocultura a Aurora passou a investir na “construção de uma Unidade de Disseminação de Genes (UDG), com finalidade de modernizar e qualificar a produção de sêmen suíno, garantindo o acesso a tecnologia de ponta por parte da maioria dos produtores que compreendem o Sistema Aurora”. Neste caso, a produção da UDG, é “fruto da ciência e da tecnologia, onde os objetos técnicos buscam a exatidão funcional, aspirando, desse modo, a uma perfeição maior que a da própria natureza” (SANTOS, 1996; 2001, p. 226).

A UGD recebeu R\$ 2,3 milhões em investimentos, e está localizada no distrito de Marechal Bormann, município de Chapecó, a unidade foi instalada sob parceria com a empresa canadense Genetiporc<sup>35</sup>, onde a produtividade da UDG atende desde 2013 mais de 50% do sistema de integrados Aurora.

“Com a inauguração da UDG serão paulatinamente desativadas seis centrais de inseminação artificial do sistema Coopercentral Aurora operadas pelas filiais Cooperalfa (Chapecó, São Miguel do Oeste e Cocal do Sul), Copérdia (Concórdia) e Coopervil (Iomerê), além da Emater de Erechim (RS). A desativação será gradativa, iniciada pelas centrais que terão seu processo inviabilizado por diversos motivos, como a proximidade das cidades, que cresceram no entorno das instalações, pelo tempo de funcionamento ou pela baixa escala de produção.” (MB Comunicação. [www.agromundo.com.br](http://www.agromundo.com.br); [www.gestaonocampo.com.br](http://www.gestaonocampo.com.br); [www.suino.com.br](http://www.suino.com.br), acessado em: 19 de out de 2015)

Com a inauguração da UDG, no ano de 2012, perpetuou-se no espaço, um dos processos de seletividade sócio-espacial, ou sócio-produtiva, que permitiu à Cooperativa Central desenvolver uma área especializada na coleta e modificação genética do sêmen suíno. Logo, os cooperativistas, os trabalhadores, os agropecuaristas [...] tiveram duas opções, ou se adequavam ao novo modelo de produção econômica globalizada em “just in time”, ou seriam automaticamente excluídos do sistema produtivo econômico ao qual estavam vinculados.

---

<sup>34</sup> [www.terraviva.com.br](http://www.terraviva.com.br), acessado em: 15 de out de 2015

<sup>35</sup> Relatório 2011, p. 20

Assim, a Cooperativa Central planejou centralizar a produção do sêmen suíno, desconectando seus fluxos com as demais unidades que antes os forneciam. Esta desconexão implicou no fechamento das unidades que produziam sêmen à Cooperativa Central, como é o caso da Central de Sêmen da Cooperalfa fechada entre os anos de 2012 à 2013, nas proximidades da Epagri de Chapecó, como as demais citadas acima, ou seja, “a forma de produzir padronizada imposta pela agroindústria, acaba por seletivizar processos e produtores que não se adéquam as mudanças técnicas” (PERTILLE; 2007).

Outro ponto relevante do ano (2011) foi a parceria elaborada entre a Cooperativa Central e a Cooperativa Auriverde<sup>36</sup>, na produção de rações para suínos, localizada na cidade de Maravilha, Santa Catarina.

Um ano depois (2012), “No ano Internacional das Cooperativas, a Aurora Alimentos cresce e consolida sua presença como COOPERATIVA GLOBALIZADA”, afirmando que, “agora somos COOPERATIVA CENTRAL AURORA ALIMENTOS LTDA.”, que de forma “estrategicamente planejada”, usa o território corporativamente, “visando ser referência como cooperativa fornecedora de alimentos”, ou seja, tornar-se um oligopólio no espaço usado, “valorizando a qualidade de vida no campo e na cidade, produzindo alimentos de excelência<sup>37</sup>”, criando estratégias de subordinação das demais cooperativas à Cooperativa Aurora.

Ainda por se parecer desafiador, o ano de 2012, permitiu a retomada e a ampliação da capacidade de abate e industrialização da unidade de suínos em Joaçaba (FAJO), onde a modernização absorveu 86 milhões de reais. Pois, a Aurora de Joaçaba encontrava-se paralisada desde 2009, todavia, a ampliação da capacidade produtiva voltou-se 44% à exportações e 56% para o mercado interno<sup>38</sup>. Logo, com a “globalização dos produtos e marca Aurora” a empresa muda o nome das Cooperativas, conforme imagem abaixo.

---

<sup>36</sup> A Cooperativa Agrícola Mista Cunha Porã Ltda. (Auriverde), surgiu em 1968, um ano antes do surgimento da Cooperativa Central Oeste Catarinense Ltda., em 1975 promoveu a fusão com a Cooperativa Agrícola Mista Maravilha, passando a chamar-se Cooperativa Regional Auriverde. A Cooperativa, trabalha na produção de suínos, aves e leite, além do cultivo de milho, soja, feijão, trigo, fumo, frutas e reflorestamento. Atualmente conta com mais de 4.300 associados em 13 municípios: matriz estabelecida em Cunha Porã e unidades em Maravilha, São Carlos, Iraceminha, Cunhataí, São Miguel da Boa Vista, Santa Terezinha do Progresso, Flor do Sertão, Linha Vila Nova, Tigrinhos, Orleans, Morro da Fumaça e Lauro Muller. Fonte: [www.cooperauriverde.com.br](http://www.cooperauriverde.com.br), acessado em: 19 de out de 2015

<sup>37</sup> Relatório 2012, p. 4

<sup>38</sup> [www.ervalfm.com.br](http://www.ervalfm.com.br), editado em: 15 de Abr de 2015, acessado em: 19 de out de 2015



**Imagem 11:** Cooperativa Central Oeste Catarinense Ltda. agora é Cooperativa Central Aurora Alimentos Ltda. Frigorífico Aurora de Joaçaba – Santa Catarina

**Fonte:** [www.ervalfm.com.br](http://www.ervalfm.com.br), editado em: 15 de Abr de 2015, acessado em: 19 de out de 2015

Em seguida a Aurora propõe o aprimoramento e ampliação da planta industrial de suínos em São Gabriel do Oeste, localizada no sul-mato-grossense (FASGO), já que desde 1996 a unidade não passava por modificações de modernização brusca, “os investimentos atingiram aproximadamente R\$ 121 milhões. Os planejamentos iniciaram no segundo semestre de 2012, os projetos foram elaborados em 2013, e as obras iniciaram em 2014. Os investimentos totais em instalações, máquinas e equipamentos foram financiados em 66,7 milhões de reais pelo Banco do Brasil e os outros 53,6 milhões com recursos próprios,<sup>39</sup>” a partir de então, a FASGO passa a trabalhar na linha de industrializados, em especial na produção de hambúrguer (1.000 toneladas/mês)<sup>40</sup>.

“O ano de 2012 apresentou-se altamente desafiador”, especialmente com a alta do “preço dos principais insumos”, milho e soja, responsáveis por 75% da produção animal. Esse problema “atingiu níveis excessivamente elevados, gerando crises e levando inúmeros produtores independentes de suínos e aves a abandonarem seus negócios”, deste modo muitas indústrias como, por exemplo, a Bondio Alimentos S.A não conseguiu contornar a alta dos preços dos insumos base para o desenvolvimento produtivo e econômico da pecuária eficiente, ou seja, por serem empresas de caráter social privado, não conseguiram contratos fiéis para com a entrega e reserva dos grãos durante a alta dos preços, logo, estas empresas tiveram de pagar altos valores aos grãos, o que gerou muito investimento das agroindústrias e pouco retorno.

<sup>39</sup> [www.sepaf.ms.gov.br](http://www.sepaf.ms.gov.br), editado em: 03 de agosto de 2015, acessado em: 19 de out de 2015

<sup>40</sup> Relatório 2012, p. 5. [www.aviculturaindustrial.com.br](http://www.aviculturaindustrial.com.br), acessado em: 19 de out de 2015

Diferentemente da Cooperativa Aurora Alimentos Ltda, que dispunha de cooperativas associadas que ficam em “subordinação-compromisso” em entregar as matérias-primas em preços mais acessíveis, assim, os contratos/parcerias são eficientes e centralizam muita produção, neste aspecto as cooperativas saíram-se favorecidas, pois, não faltou alimento aos alojamentos nem os preços foram tão exorbitantes, quanto para as pequenas agroindústrias de razão social privada<sup>41</sup>.

Todavia, foi neste ano que a avicultura sentiu os fortes efeitos da alta do milho e do farelo de soja:

“Com produção verticalizada, isto é, quando a agroindústria é responsável por fornecer as aves e os alimentos aos produtores, os efeitos demoraram mais a chegar, mas chegaram. Diante disso, muitas pequenas agroindústrias correram o risco de fechar, enquanto outras fecharam. O caso de maior destaque na região é da agroindústria Diplomata, que enfrentou dificuldades financeiras para pagamento de fornecedores, avicultores e funcionários. Em agosto, os agricultores integrados da empresa com unidade em Xaxim e em Capanema (PR), estavam sem receber o pagamento há pelo menos quatro meses. Foram pelo menos 600 integrados na mesma situação. Em novembro, a empresa Diplomata parou de funcionar. O motivo foi o corte na energia elétrica devido à falta de pagamento da fatura de luz. A Polícia Ambiental foi acionada e esteve no local após receber denúncia de maus tratos aos animais. (www.redecomsc.com.br, editado em: 28 de Dez de 2015, acessado em: 19 de out de 2015).

“Segundo liminar do juiz da 3ª Vara Cível do Fórum de Chapecó, Marcelo Volpato de Souza, o frigorífico de Xaxim, administrado pela Diplomata, deveria retornar à Massa Falida da Chapecó Alimentos. Logo, em 26 de dezembro de 2012 foi realizado o anúncio do arrendamento da unidade industrial de abate de aves em Xaxim pela Cooperativa Central Aurora, encerrando de vez com o problema Diplomata, que há meses trazia prejuízo aos avicultores e a economia do município.

Neste contexto, a estiagem desencadeada entre dezembro de 2011 à julho de 2012, atingiram mais de 152 municípios e 183.530 cidadãos de Chapecó e região. Com um sol escaldante, açudes secaram, rios e lagos diminuíram seus níveis de água e consequentemente prejudicaram todas as atividades desenvolvidas na agricultura, pecuária, indústrias e população. Segundo dados da Secretaria do Estado e Defesa Civil de Santa Catarina contabilizaram um prejuízo de R\$ 700 milhões no Estado .

Logo, as estiagens:

---

<sup>41</sup> Relatório 2012, p. 4

“são fenômenos socioambientais, geralmente, relacionados a baixos índices pluviométricos verificados em determinadas regiões em períodos relativamente prolongados, desequilibrando, assim, a reposição da umidade do solo”. (ESPÍNDOLA, M. ; NODARI, E. 2012, p. 2691).

Onde, sua ocorrência pode variar quanto às configurações climáticas ou topográficas. “Assim, algumas regiões do interior de Santa Catarina sofreram e sofrem, seja com o aumento da quantidade de períodos de estiagens ou com eventos de chuvas torrenciais”. Esses fenômenos geográficos estão correlacionados com a topografia do interior catarinense, considerando que o Oeste possui os maiores índices de precipitação e de excedente hídrico (SANTA CATARINA, 1991, p. 96) de Santa Catarina, onde a Serra Geral cria uma espécie de barreira geomorfológica, que perpassa o Estado de Norte a Sul na sua parte central, bloqueando assim, a movimentação das massas de ar, prolongando as estiagens, bem como as chuvas torrenciais, tanto na “Mesorregião Oeste como nos contrafortes à Oeste do Planalto Catarinense”. (ESPÍNDOLA, M; NODARI, E. 2012, p. 2691 – 2697).

Consequências destas crises, também repercutiram nos frigoríficos de Guatambu e Abelardo Luz, que após um período de grandes prejuízos, foram arrendados e comprados pela Cooperativa Aurora, estas aquisições e locações aconteceram mediante a crise no setor.

“Enquanto o preço da saca de milho deveria ser de R\$23,00 o valor bateu recordes de R\$ 35,00 e o farelo de soja, incremento para a fabricação de rações chegou a duplicar de valor<sup>42</sup>”.

“No segmento de aves, cumprindo com o objetivo estratégico de alcançar um milhão de frangos/dia abatidos,” e a fim de organizar-se estrategicamente no território oeste catarinense se tornando referência produtiva, “a Aurora Alimentos adquiriu a Bondio Alimentos S.A, em Guatambu (SC), formalizando a aquisição no mês de outubro de 2012. A unidade industrial FAG (Frigorífico Aurora de Guatambú), realiza os processos de abate e cortes de aves, e foi supostamente adquirida para melhorar o atendimento aos seus clientes, investindo R\$ 139 milhões<sup>43</sup>”:

“No ano de 2012 adquiriu a operação da Bondio Alimentos, o que denota mais uma vez o foco estratégico da cooperativa na intensificação da produção e comercialização da carne de frango. Análises mundiais

---

<sup>42</sup> [www.redecomsc.com.br](http://www.redecomsc.com.br), editado em: 28 de Dez de 2015, acessado em: 19 de out de 2015

<sup>43</sup>Relatório 2012, p. 5;77

mostram que o consumo de carne de aves crescerá no mundo devido às qualidades nutricionais, baixo custo, diversidade do aproveitamento e por melhor se adaptar às exigências sociais do consumidor moderno” (Relatório 2012, p. 18).

No entanto:

“para atender ao crescimento dos volumes comercializados no Estado de São Paulo, que necessitam de armazenagem logística, uma nova área foi identificada e adquirida em Arujá (SP), onde se projeta a duplicação da capacidade atualmente disponível em Guarulhos, apoiada por outra área locada recentemente em Jandira (SP)” (Relatório 2012, p. 6).

No ano de 2012, a Cooperativa Aurora, ampliou sua rede de parcerias:

“teve início a produção de núcleos e premixes para bovinos, parceria formada com a DSM<sup>44</sup>, levando a Aurora a ingressar em um negócio que tem como objetivo maior, além do controle da alimentação na cadeia de produção de leite, gerar melhorias no resultado da indústria de leite em Pinhalzinho” (Relatório 2012, p. 37).

“A parceria com o Laticínio Oliveira manteve-se nos mesmos níveis de 2011”, assim, a “produção de leite na Região Sul teve redução no custo da produção”, e a Cooperativa Aurora vem “atenuando especulação das empresas na disputa por produtores”, todavia, estas relações no espaço usado, desenvolvem vários “fatores” que “estabeleceram novos cenários de oportunidades e ameaças” contínuas até os dias de hoje<sup>45</sup>.

Assim, a Aurora amplia continuamente sua presença no mercado de lácteos, seja na disputa por integrados do ramo leiteiro, seja em parcerias como a da DSM, ou com o Laticínio Oliveira de Vargeão. “Há menos de um ano no mercado de lácteos do Sul e de São Paulo, a Cooperativa Central Aurora está aumentando a produção e ampliando o mix para intensificar a presença da marca Aurolat no país<sup>46</sup>.

<sup>44</sup> A empresa Royal DSM de Produtos Nutricionais (DSM - Bright Science. Brighter Living), foi fundada em 1902 na cidade de Heerlen na Holanda, detentora da marca Tortuga, trabalha com as “Ciências da Vida e Ciências dos Materiais, fornecendo vitaminas, carotenóides (como antioxidantes) suplementos dietéticos, dispositivos médicos, peças automotivas, tintas, componentes elétricos e eletrônicos, energia alternativa, materiais biológicos, enfim diversos produtos de química fina para as indústrias de nutrição animal, farmacêutica, saúde, cosméticos, alimentos e bebidas. A DSM participa de mais de 100 parcerias”, entre essas está a parceria com a Cooperativa Central Oeste Catarinense Ltda.

<sup>45</sup> Relatório 2012, p. 46;51

<sup>46</sup> “O mercado não está bom, há excesso de oferta em razão de importações estimuladas pela atual situação cambial (dólar barato), mas a Aurora está olhando para o futuro. Vice-presidente: Mário Lanznaster”. “Atualmente, a Coopercentral recebe e processa 5,2 milhões de litros de leite por mês, volume que passará para a faixa de 8,5 milhões em outubro e 10 milhões em dezembro. Essa quantidade de matéria-prima será para a produção de leite em pó e à produção de leite condensado. Gerente de lácteos: Nereu Selli.” A Cooperativa Central entrou na área de laticínios em agosto de 2004 com quinze opções de produtos, utilizando processamento industrial terceirizado.

Atualmente, a Aurora repassa o leite in natura para ser industrializado em três unidades de processamento terceirizadas: “Parmalat (Carazinho, no Rio Grande do Sul) e Batávia (Concórdia), para produção de leite longa vida, UHT, Nutrilat (Vila Nova do Sul, no Rio Grande do Sul) que produz leite em pó<sup>47</sup>”, enquanto a Indústria e Comércio de Laticínios Oliveira Ltda., de Vargeão (SC), foi arrendada para a fabricação de queijos, bebidas lácteas e creme de leite. O suprimento é assegurado pelas cooperativas catarinenses Cooper A1 de Palmitos, Cooperalfa de Chapecó, Copérdia de Concórdia, Auriverde de Cunha Porã, CooperItaipu de Pinhalzinho, Coperio de Joaçaba, Coopervil de Videira e Colacer de Lacerdópolis; mais Cotribá de Ibirubá (RS) e Cotrisal de Sarandi (RS).

As cooperativas filiadas à Cooperativa Central Aurora em Santa Catarina recebem, juntas, 600 mil litros de leite por dia e, as do Rio Grande do Sul, mais 400 mil litros/dia. (Fonte: MB Comunicação)<sup>48</sup>

Portanto, o estudo estratégico do espaço é a construção de um território futuro, onde as determinantes da lucratividade, dependerão dos investimentos tecnológicos e da informação, ambas sincronizadas, pois, no modelo econômico capitalista globalizado em que vivemos, “sair na frente” em relações as inovações técnicas, e o conhecimento do espaço, garante maior lucratividade às corporações<sup>49</sup>.

Com a aquisição efetivada do Frigorífico de Aves e Fábrica de Rações da empresa Bondio Alimentos S.A em Guatambú – FAG (2012), somada ao arrendamento do Frigorífico Diplomata de Xaxim, que faliu devido as implicações da crise internacional, da alta dos insumos agropecuários (milho/farelo de soja) e da falta de água nestas regiões. A priori, foi feita a locação da unidade, que segundo o *site da Aurora*, teria previsto um prazo inicial de três anos de locação.

No entanto, no ano de 2013, a Cooperativa Central Aurora apresenta uma nova aquisição industrial, a Massa Falida da Chapecó Alimentos de Xaxim, administrada anteriormente pela Diplomata. Neste mesmo ano, a empresa adquiriu a transportadora oficial de seus produtos, a J’Battirola de Chapecó, enquanto no ano de 2015, a corporação fez uma nova parceria com a cooperativa de aves Cocamari de Mandaguari no Paraná.

---

<sup>47</sup> [www.terraviva.com.br](http://www.terraviva.com.br), acessado em 16 de out de 2015

<sup>48</sup> [www.milknet.com.br](http://www.milknet.com.br), acessado em: 16 de out de 2015

<sup>49</sup> BAHIA, Luiz D. Determinantes do investimento das firmas industriais. 2015

Os anos de 2014, e 2015 apresentaram um momento de implicações da crise econômica internacional, mas que não diminuiu a produtividade da agroindústria, porém o PIB encontra-se em estágios negativos, onde os consumidores estão adquirindo as proteínas de base gastando menos, porém o custo da produção continuou alto, e nem mesmo o preço pode ser baixado devido a esse fator. Com a pouca procura dos produtos mais caros, foi necessário criar ofertas onde não havia, mas esse fator apresentou-se com maior ênfase no ramo da carne bovina, diferentemente do ramo avícola que agrega menor valor de venda, neste contexto, com o foco da gripe aviária nos EUA e no México, beneficiou o Brasil, que conseqüentemente exportaram mais para o continente asiático.

O atual momento econômico apresenta juros altos, e uma taxa de inflação elevada, logo, é um período de pouco investimento por parte das corporações. Mesmo assim, é necessário garantir a competitividade no mercado, pois se uma economia desce, outrora tende a subir, a fim de estabilizar futuramente a economia instável atual.

A empresa JBS concede uma entrevista que fala sobre o atual momento econômico no Brasil e no mundo: “qual é o principal concorrente da Seara? Sadia ou Perdigão? Concorremos com todo mundo. Com a Aurora, Sadia, Perdigão... Em troca do que? Do consumidor. Para nós (BRF), não faz diferença se é Sadia, Perdigão, Aurora... Estamos focados em ganhar a preferência do consumidor.”<sup>50</sup>

Segundo SANTOS (2000), “para os atores hegemônicos, o território usado é como um recurso, ou seja, um meio seletivo de espaços que através da incorporação do território e com investimentos econômicos geram intencionalidades”.

A intencionalidade dos agentes geográficos da Cooperativa Aurora, é tornarem-se corporações hegemônicas, de caráter oligopolista no territorial, com relações multiescalares, oferecendo atividades produtivas diversificadas, tomando pra si, um certo poder sobre a plena cadeia produtiva, desde a origem genética da matéria prima até os mais complexos padrões produtivos do mercado interno e externo.

Todavia, em parâmetros comparativos, a Cooperativa Aurora, atualmente, não abate apenas 250 suínos dia, nem mesmo tem apenas 10 funcionários, 8 cooperativas e 10 mil associados. Hoje, Cooperativa Aurora possui mais de 70 mil associados, 12 cooperativas sócias, uma centralidade cooperativista que abrange não só as redondezas de Chapecó, mais sim, todo o território nacional, desenvolvendo complexas relações comerciais nacionais e internacionais, logo, tornando, não sozinha, mas com grande

---

<sup>50</sup> [www.1folha.uol.com.br](http://www.1folha.uol.com.br), acessado em: 19 de out de 2015

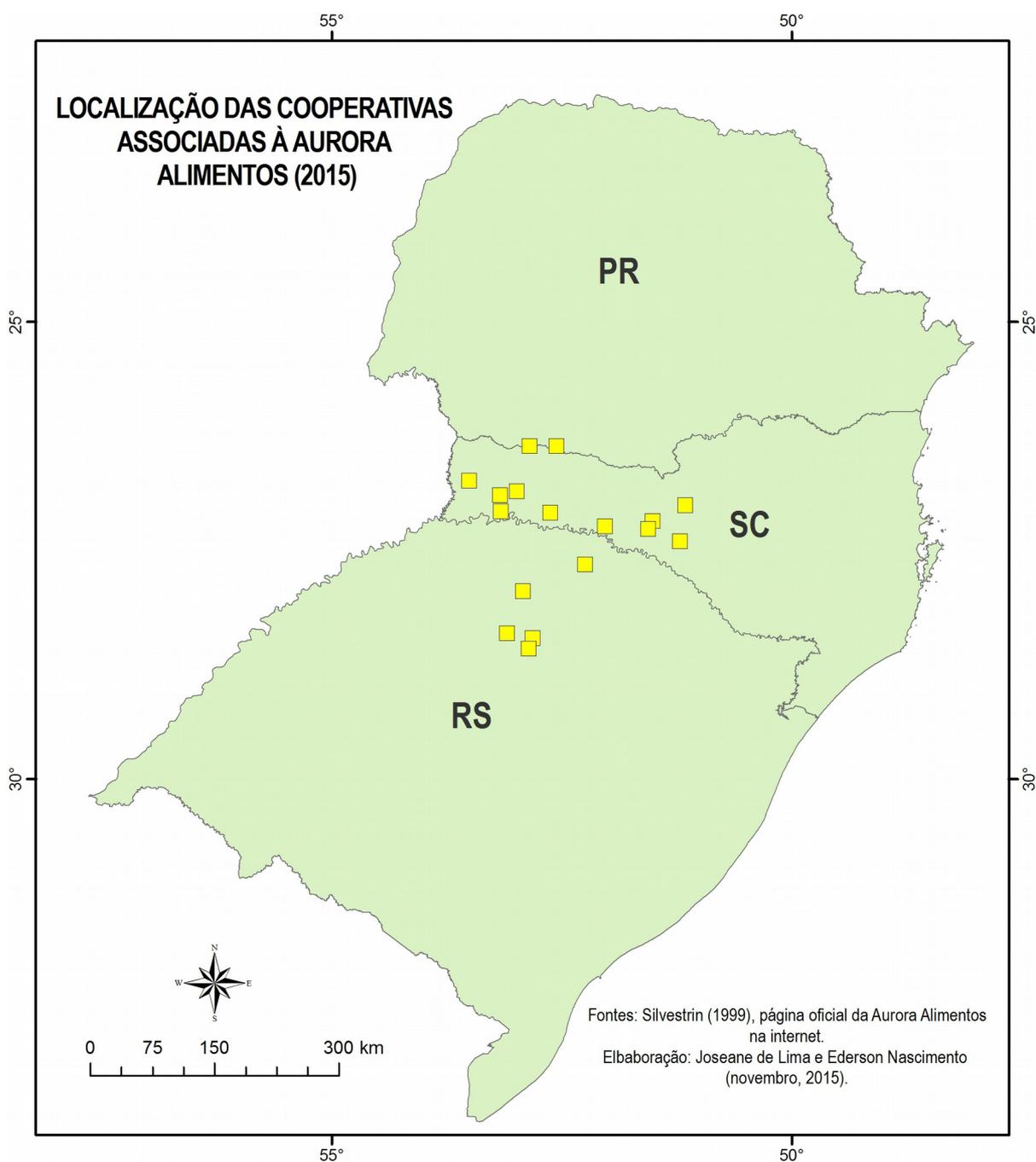
significatividade, o oeste catarinense, como um pólo agroindustrial, que atualmente abate “14.500 suínos por dia, 109.865.904 de frangos dia e processa 1,5milhões de litro/dia [...]”<sup>51</sup>.

As Cooperativas Associadas à Cooperativa Aurora, conforme o Mapa 1, encontram-se dispostas basicamente no sudoeste brasileiro. Todavia, estas, desenvolvem uma regionalização de convergência e concentração das cooperativas, fator que reforça a presença da Aurora no território nacional como um agente hegemônico, subordinante e oligopolista, lembrando que, o Mapa 1, apresenta apenas uma localização para cada unidade Cooperativista, logo, pode-se rever na Imagem 3 deste trabalho, que uma só cooperativa detém de vários pontos no território, os quais correspondem aos integrados. Mesmo assim, é possível prospectar no Mapa 1, a abrangência das cooperativas agroindustriais associadas, somadas a outras unidades cooperativistas que também estabelecem, mesmo sem vínculo legitimável, relações com a Cooperativa Aurora, possíveis de identificar no Mapa 1 e na Tabela 2.

---

<sup>51</sup> Relatório Anual Aurora, 2010;2012

**Mapa 1**



### **3.2 A expansão da malha cooperativista Aurora Alimentos no território globalizado e a “multifuncionalização” dos processos produtivos e econômicos**

Como já bem dito, “o espaço é um conjunto de fixos e fluxos” (SANTOS, 1978), onde os elementos fixos permitem ações que modificam o próprio lugar, com fluxos novos ou renovados, que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem

cada lugar. Logo, os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações que atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam (Santos, 1982, p. 53; Santos, 1988, pp. 75-85).

Assim, os fixos dependem dos fluxos, e vice-versa, ambos demonstram a realidade geográfica do espaço usado, onde a multifuncionalização dos processos produtivos econômicos, se perpetua à medida que as empresas do circuito superior da economia urbana, o dominam.

No entanto, deter o domínio, ou manter controle de atividades essenciais da cadeia produtiva das matérias-primas base, estabelece múltiplas relações capitalistas, entre elas a relação da empresa do circuito superior da economia urbana com o circuito superior marginal, este certamente através da terceirização vem sendo um dos elementos que favorecem a gradativa expansão e a consolidação da empresa Aurora na economia local-global.

Porém, “a partir do momento em que, um agente se apropria de um espaço, este espaço passa a ser representado como um território, que agora é vivido e usado” (RAFFESTIN, 1993). E é nesse “território que se desenvolvem diversos fatores que contribuem a geração de situações” (SILVEIRA, 2011, p. 05), onde “o território deixa de ser abrigo para ser recurso” (OLIVEIRA JÚNIOR, 2008, p. 103):

“Nosso País tem grande potencial para aumentar tanto o consumo como a produção.” “Temos terras produtivas, abundância de água, estrutura fundiária favorável e espaço para crescer.” (Relatório 2011, p. 39)

Segundo o autor Roberto L. Correa (1992), “na fase econômica capitalista, as grandes corporações multifuncionais e multilocalizadas, desempenham papéis importantes e ao mesmo tempo estratégicos, onde os donos dos meios de produção desenvolvem intencionalidades organizacionais amplas e diversificadas no espaço geográfico, fator que vem a garantir controle sobre o mesmo. Assim, “dentro deste contexto, cada vez mais se intensifica a presença do capital em todos os setores da sociedade, nas relações sociais e humanas, no campo e na cidade” (MOREIRA, 2009, p. 86).

Logo a agroindústria Aurora, possui:

“15 cooperativas singulares (17 em 2008) e uma estrutura operacional com 24 unidades produtoras (25 em 2008), 9 unidades comerciais localizadas em diversos estados do Brasil, e sede administrativa localizada em Chapecó-SC. A Cooperativa atua no abate, industrialização

e comercialização de produtos derivados de aves e suínos, industrialização e comercialização de leite e produtos derivados de leite, produção de rações e comercialização de produtos derivados da industrialização de massas, vegetais e bovinos” (Relatório, 2009, p. 85).

Lembrando que a Cooperativa Aurora desenvolve uma gama de procedimentos como bem dito acima, mas, por trás destas atividades, a unidade abriu portas às parcerias e aquisições, com a empresa DSM, Laticínios Oliveira, Genetiporc, JBS, J’Battirola entre outras descritas na Tabela 1. As parcerias servem para manter a atuação da Cooperativa Aurora em pontos distintos do espaço geográfico, intensificando a produção e centralizando o capital no oeste catarinense, bem como, expandindo-se a outros espaços que também são previamente identificados na Tabela 1, com intencionalidades estratégicas.

<b>CORPORAÇÕES PARCEIRAS: AURORA</b>		
<b>Empresa</b>	<b>Produtos</b>	<b>Localização</b>
1. JBS	Bovino – Derivados	Global
2. Big Foods - Sadia	Aves – Derivados	Nacional
3. Big Frango - JBS	Aves – Derivados	Global
4. Mais Frango	Aves – Derivados	Rio Grande do Sul
5. Genetiporc	Genética – Derivados	Canadá
6. Parmalat	Leite longa vida, UHT	Carazinho, RS
7. Ind. e Com. Lat. Oliveira Ltda.	Derivados do Leite	Vargeão SC
8. DSM	Bovinos – Leite – Nutrição	Global
9. Batávia	Leite longa vida, UHT	Concórdia
10. Nutrilat	Leite em pó	Vila Nova do Sul RS

**Tabela 1:** Corporações Parceiras à Cooperativa Central Aurora Alimentos Ltda.: Multi-setoriais.

**Fonte:** Relatórios Anuais Aurora (2009; 2012); Sites: [www.agromundo.com.br](http://www.agromundo.com.br); [www.gestaonocampo.com.br](http://www.gestaonocampo.com.br); [www.aviculturaindustrial.com.br](http://www.aviculturaindustrial.com.br), acessado em: 19 de out de 2015

Neste contexto, a corporação Aurora é multi-setorial, pois, elabora pleno processo produtivo agroindustrial. Por exemplo, a Aurora tem parceria com diversas cooperativas de diversos ramos produtivos, pegamos a Cooperalfa, como exemplo. A Cooperalfa fornece as sementes aos associados. Esta semente gera o milho, ou o soja, logo, com bons resultados no campo, a safra é encaminhada aos silos da Alfa ou da Aurora. A Aurora recebe os milhos e o soja das cooperativas filiadas e fabrica sua própria ração, adiciona suplementos nutricionais para alimentação animal oriundos das parcerias (DSM). Após pronta a ração é destinada aos pecuaristas, e antes mesmo deste processo, os animais podem ser projetados (suíno), através do laboratório de Genes da Aurora localizado no Distrito de Marechal Bormann (UDG – Genetiporc). Tempo depois os animais são

enviados em caminhões terceirizados, da própria Cooperativa Aurora ou das cooperativas associadas ao campo.

Após aproximadamente três meses, esse animal sai do campo em direção à indústria, com o mesmo processo logístico (Geotecnologia Aurora). Na indústria, a energia é produzida em partes pela própria PCH de Romelândia. O suíno é processado e encaminhado aos centros de distribuição (vide anexo I), e posteriormente aos portos, e aos consumidores finais.

O que a Cooperativa não processa ou não da conta de processar, encaminha às empresas parcerias, ou ainda vende o excedente de matéria-prima, como é o caso das massas, da carne bovina e do leite (Vide Tabela 1). Ainda na perspectiva do processo multi-setorial, a logística oficial dos produtos Aurora de Chapecó e regiões é realizada pela própria empresa adquirida pela Aurora em 2012, a J'Batirrola. Por fim, temos o mercado da Aurora, que distribui o produto direto ao consumidor.

Neste panorama, podemos pensar na possível hipótese desta corporação, futuramente buscar se consolidar não mais como um oligopólio industrial específico, mas sim, em aperfeiçoar o espaço e os processos de toda uma, ou mais cadeia produtiva.

“Redimensionamos o potencial geográfico de nossa área de atuação, reestruturando algumas células comerciais e readequando o modelo de comercialização às atuais demandas impostas pelo mercado. Que está ficando cada vez mais competitivo e exigente de produtos e serviços de qualidade percebida e valorizada, agregando resultados ao negócio <sup>52</sup>”.

“A Cooperativa Central Oeste Catarinense – Aurora Alimentos foi fundada em 1969, no oeste do estado de Santa Catarina, hoje a Aurora Alimentos é uma das maiores indústrias de alimentos do Brasil e também referência mundial na tecnologia de processamento de carnes. Mais de 70 mil famílias de produtores rurais cooperados, que se dedicam na produção das principais matérias-primas utilizadas nos produtos Aurora. A empresa atua na industrialização e comercialização de carnes suínas, aves, massas, lácteos e suplementos nutricionais para alimentação animal. Além disso, sustenta um universo que relaciona cooperativas, indústria e mercado, que gira em torno do produtor rural e do consumidor.” (Relatório Anual Aurora, 2010, p.7).

---

<sup>52</sup> Relatório Anual Aurora, 2011, p. 50

<b>TABELA 2: COOPERATIVAS ASSOCIADAS: AURORA</b>	
<b>Empresa</b>	<b>Localização</b>
1. Cooperativa Regional Alfa – Cooperalfa	Chapecó SC
2. Cooperativa Regional Itaipú Cooperitaipu	Pinhalzinho SC
3. Cooperativa Regional Auriverde	Cunha Porã SC
4. Cooperativa Agropecuária São Lourenço – Caslo	São L. do Oeste SC
5. Cooperativa Agrícola Mista São Cristovão Ltda - Camisc	Mariópolis/PR
6. Cooperativa Agropecuária Videirense – Coopervil	Videira SC
7. Cooperativa Rio do Peixe Cooperio	Joaçaba SC
8. Coop.Regional Agropecuária de Campos Novos Coopercampos	Campos Novos SC
9. Cooperativa de Produção e Consumo Concórdia – Copérdia	Concórdia SC
10. Cooperativa dos Suinocultores de Lacerdópolis – Colacer	Lacerdópolis SC
11. Cooperativa Agropecuária São Gabriel do Oeste Ltda – Coasgo	São G. do O. MS
12. Cooperativa A1	Palmitos SC
13. Cooperativa Triticola Erechim Ltda – COTREL	Erechim RS
<b><i>Cooperativas que estabelecem relações não legitimadas</i></b>	
14. Cooperativa Triticola Sarandi Ltda – Cotrisal	Sarandi RS
15. Cooperativa Agropecuária e Industrial - Cotrijal	Não Me Toque RS
16. Cooperativa Agropecuária e Industrial - Cotribá	Ibirubá RS
17. Cooperativa Agrícola Mista General Osório Ltda	Rio Grande do Sul
18. Cooperativa Triticola Taperense Ltda.	Rio Grande do Sul
<b>Obs.:</b> As cooperativas desempenham: comercialização, armazenamento, produção de grãos e cereias, pecuária (suínos/aves), insumos agrícolas, assistência técnica, entre outras.	

**Tabela 2:** Cooperativas Associadas à Cooperativa Central Aurora Alimentos Ltda.: Multi-setoriais.

**Fonte:** Relatórios Anuais Aurora (2009; 2012); Sites: [www.agromundo.com.br](http://www.agromundo.com.br); [www.gestaonocampo.com.br](http://www.gestaonocampo.com.br); [www.aviculturaindustrial.com.br](http://www.aviculturaindustrial.com.br), acessado em: 19 de out de 2015



**Imagem 12:** Slogan das Cooperativas Legitimadas Associadas: à Cooperativa Central Aurora Alimentos Ltda. (2012).

**Fonte:** Relatórios Anuais Aurora , 2012, p. 11

As cooperativas (Tabela 2; Imagem 11) juntamente com as empresas parceiras da Cooperativa Aurora, neste caso, tornam-se subordinadas subordinantes, uma vez que, organizam-se em ambas as partes como seletivas de: cooperativas, ramos de atividades, localização entre outros fatores, que por si só, já caracterizam uma organização em rede, dos espaços e das atividades. Todavia pressupõem-se a organização sistemática da indústria como, um oligopólio territorial, ou ainda, como um agente que abrange um leque produtivo e organizacional do território, em escalas de relações econômicas de alto capital, ou seja, com os grandes conglomerados financeiros e produtivos, até a utilização da terceirização de produtos e serviços, que muitas vezes são derivados do circuito superior marginal da economia urbana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*"Há uma oligopolização, mas este é o perfil da economia mundial. O Mundo se organiza em torno deles.<sup>53</sup>".*

A Aurora nesta denominação de oligopólio impôs no espaço, certos processos e estratégias que ampliaram o "sistema Aurora", e oligopolizaram não somente o oeste catarinense, mais sim, o mercado consumidor interno e externo.

O sistema Aurora, é um apanhado de procedimentos técnicos, científicos e informacionais, responsáveis por agregar ou excluir agentes e circuitos econômicos e produtivos da agroindústria. Logo, quanto "maior a inserção da ciência e tecnologia, mais um lugar se especializa, mais aumenta o número, intensidade e qualidade dos fluxos que chegam e saem de uma área" (SANTOS, 1988, p. 51).

"Na fase do atual capitalismo as grandes corporações multifuncionais e multilocalizadas desempenham papel fundamental na organização espacial, exercendo determinado controle sobre amplo e diferenciado território. Esse controle constitui um dos meios através do qual a corporação garante com máxima eficiência a acumulação de capital e a reprodução de suas condições de produção." (CORRÊA, 1992, p. 115).

Assim, desde 1969, até os tempos atuais, a Aurora expandiu gradativamente sua atuação territorial, principalmente através de fusões, aquisições e parcerias produtivas, que fizeram e fazem parte das estratégias globais ou nacionais, no âmbito da reestruturação empresarial. Estas atuações reestruturais, da Cooperativa Aurora, ou mesmo, do sistema Aurora compreendido pelas suas próprias unidades, aliada as cooperativas associadas (vide tabela 2) e as empresas parceiras (vide tabela 1), segundo o anexo I, que representa a oligopolização espacial agroindustrial.

Esta oligopolização estabeleceu e estabelece estratégias que resultam na consolidação da empresa no espaço usado como uma das mais influentes empresas no ramo cárneo de suínos e aves, na perspectiva cooperativista.

Estratégias como aquisição, fusão e parcerias de/com outras unidades foram resultados eficientes, em especial após os períodos de crise econômica ou de matérias-primas, como o caso das aquisições das empresas Bondio Alimentos S.A e da Diplomata S.A de Xaxim.

---

<sup>53</sup> ALMEIDA, Vanderlei, 2015.

Outras estratégias como instalar unidades agroindustriais nas áreas interioranas dos Estados, conforme o anexo I, que favoreceu à Cooperativas Aurora, quanto aos incentivos fiscais, menor custo dos terrenos, mão-de-obra a baixo custo, uso dos recursos naturais em maior escala, e a subordinação das demais cooperativa à Cooperativa Aurora Alimentos.

Outro aspecto relevante, é a localização espacial das unidades, muito próximas as infra-estruturas como, portos, aeroportos, ferrovias, rodovias, rios, fatores que valorizam o território, viabilizam o escoamento produtivo já que a localização das centrais de vendas e centros de distribuições se concentram nas áreas litorâneas do Brasil (anexo II) enquanto as unidades industriais mantem-se nas regiões interioranas (anexo I), ou seja, viabilizam a dinamicidade dos fixos e fluxos no espaço.

A nova estruturação produtiva, com base na ciência, na tecnologia e na informação, segmenta o território, sendo “preciso ligar, num único processo, as parcelas do trabalho desenvolvidas em lugares distantes, impõe-se mais cooperação entre pontos do território e a circulação ganha novo ímpeto” (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p. 144). Estas cooperações desenvolvem para a empresa Aurora, um papel hegemônico e subjetivo no território, muitas vezes despercebido aos nossos olhos.

Todavia, as corporações hegemônicas ou oligopolistas são resultados das propagações do meio técnico\_científico\_informacional, fundamentado com medidas de concentração do capital privado ou estatal, em busca da consolidação majoritária de uma empresa, ou seja, um objeto geográfico que se consolide no espaço usado como um agente dominante, ou ao menos influente, na ordenação política e econômica deste.

Para Santos (1996), “o espaço é tornado único na medida em que os lugares se globalizam, uma vez que cada local, não importa onde se encontre, revela o mundo, já que todos os lugares são passíveis de intercomunicação”, assim “a técnica, a ciência e a informação são pontos cruciais do período atual, acarretando, por sua vez, numa maior competitividade entre as empresas e os lugares<sup>54</sup>”.

Segundo DALL’ACQUA (2003), com uma escala de investimentos ampliada, a tecnológica das grandes empresas tende a liderar e formar redes globais contínuas, forçando a ascensão dos processos de concentração onde, “apenas um conjunto restrito de algumas centenas de empresas gigantes mundiais” participaram deste processo.

Para a autora:

---

<sup>54</sup> Unesp/Redefor, Fluxos e Redes no Campo e na Cidade, p.31

“[...] estas corporações decidirão basicamente o que, como, quando, quanto e onde produzir os bens e os serviços utilizados pela sociedade contemporânea. Ao mesmo tempo, elas estarão competindo por redução de preços e aumento da qualidade (...). Enquanto esta disputa continuar gerando lucros e expansão, parte da atual dinâmica do capitalismo estará preservada.” (DALL’ACQUA, 2003, p. 41).

Logo, “a importância do grupo aparece quando se considera a sua *espacialidade*, expressão e condição de seu *poder* econômico e político”. Entretanto, o resultado desse trabalho apresenta “uma organização espacial muito complexa, resultante de um variado processo de seleção de lugares” ao longo do tempo histórico geográfico (1969-2015). (CORRÊA, 1992, p. 117).

Os Mapas 2 e 3, representam a localização<sup>55</sup> estratégica das unidades pertencentes da Cooperativa Central Aurora Alimentos Ltda., onde a cada unidade pontuada nos Mapas, é atribuída, de modo formal ou não, um específico território. Assim, a produção agroindustrial de Chapecó “extrapola a escala regional” (PERTILLE; 2007), mesmo sendo uma cidade do oeste catarinense, localizada no estado de Santa Catarina, Brasil, que possui uma amplitude territorial de “626,057 km<sup>2</sup>, com uma população composta de 183.530 habitantes<sup>56</sup>”, características que fizeram do antigo “vazio demográfico”, um pólo agroindustrial.

Ainda sim, a cidade é reconhecida nacionalmente pela localização estratégica das grandes corporações empresariais agroindustriais como a Aurora Alimentos e a BRF, e por ser um “pólo regional, com concentrações industriais ligadas ao setor agropecuário, existência de comércio, rede bancária diversificada e serviços especializados, formaram um conjunto capaz de atrair para essa cidade diversos investimentos” (PERTILLE, 2007, p. 154), que através da “especialização regional e a ampliação dos circuitos espaciais produtivos e econômicos, são faces do mesmo fenômeno geográfico, conduzido pelo uso corporativo do território através de ações efetivadas por um jogo de forças políticas, econômicas, sociais, etc. (SANTOS & SILVEIRA, 2001).

As “imagens” territoriais revelam às relações de produção e conseqüentemente as relações de poder, e é decifrando-as que se chega à estrutura profunda. Do Estado ao indivíduo, passando por todas as organizações pequenas ou grandes, encontram-se atores sintagmáticos que (produzem) o território. (RAFFESTIN, 1993, p. 152).

---

<sup>55</sup> Aproximada

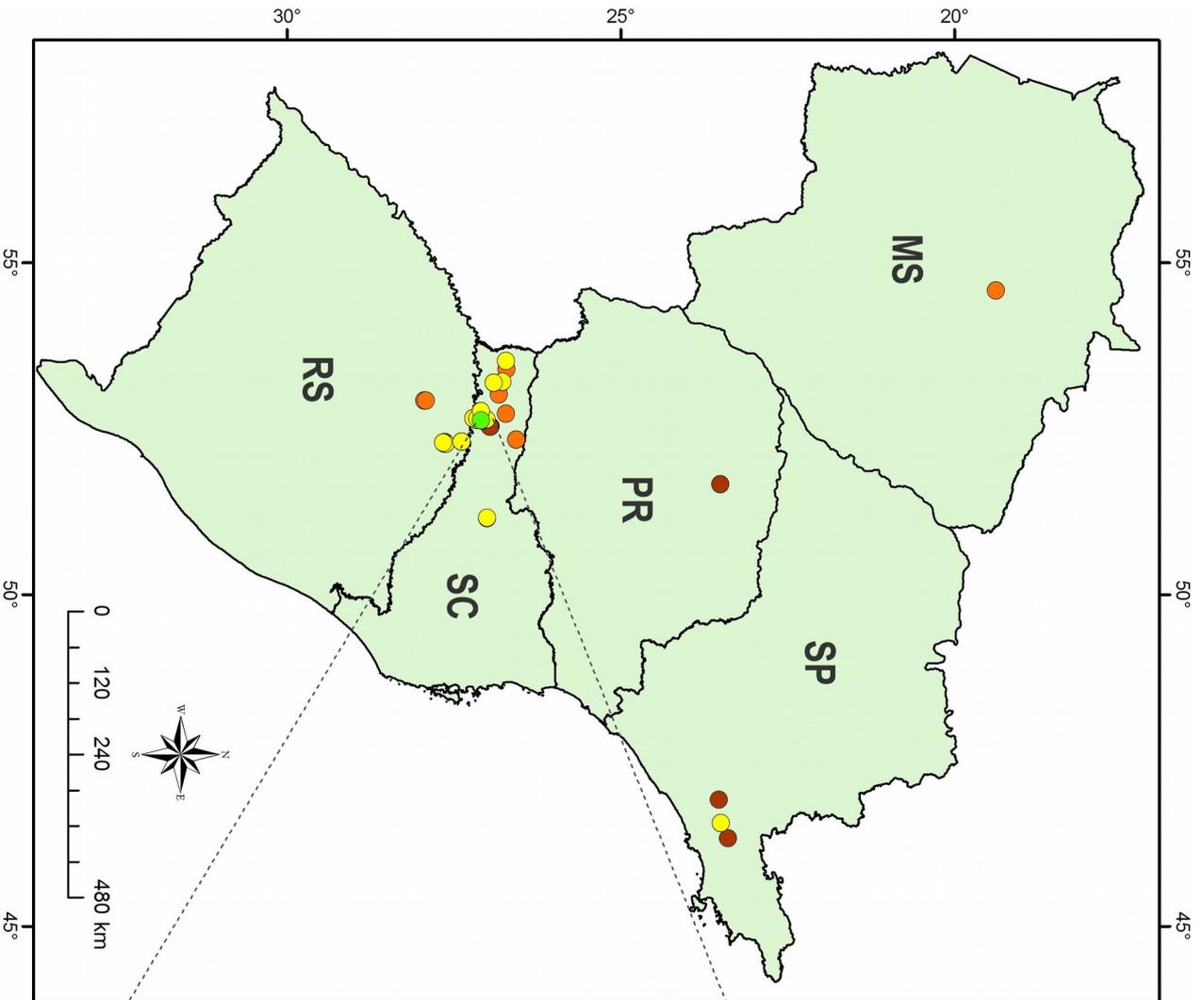
<sup>56</sup> IBGE, 2010

Portanto, o complexo agroindustrial Aurora, “sediado em Chapecó (SC), polariza mais de 13 cooperativas agropecuárias (Mapa 1), possui aproximadamente 26.000 empregos diretos, sem contar as terceirizações, possui uma capacidade de abate de 18 mil suínos/dia, 1 milhão de aves/dia, e 1,5 milhão de litros de leite processados dia. A corporação mantém uma comunidade produtiva formada por mais de 105 mil famílias espalhada por 500 municípios brasileiros, disponibilizando do pleno funcionamento 42 estabelecimentos espalhados pelo Brasil, mas concentrados no oeste catarinense<sup>57</sup>.

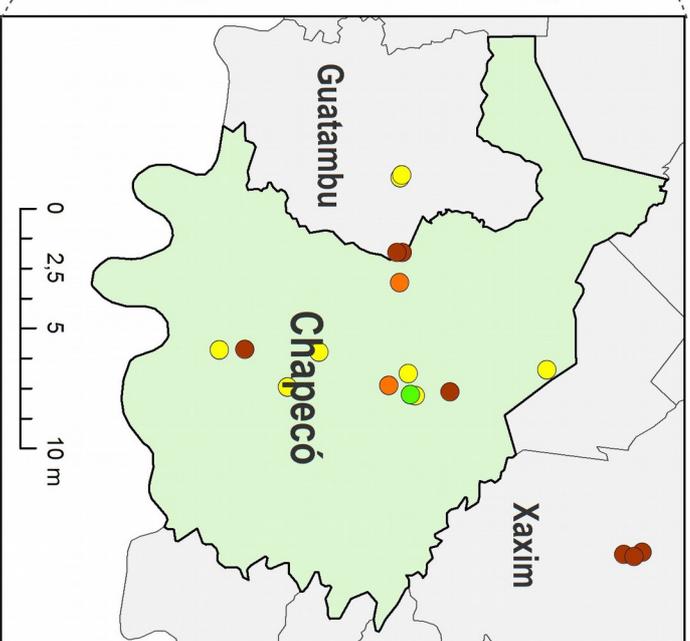
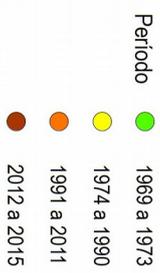
---

<sup>57</sup> Fonte: [www.sepaf.ms.gov.br](http://www.sepaf.ms.gov.br); Publicado em: 03 de Ago de 2015; Acessado em: 19 de Out de 2015.

# ANEXO I



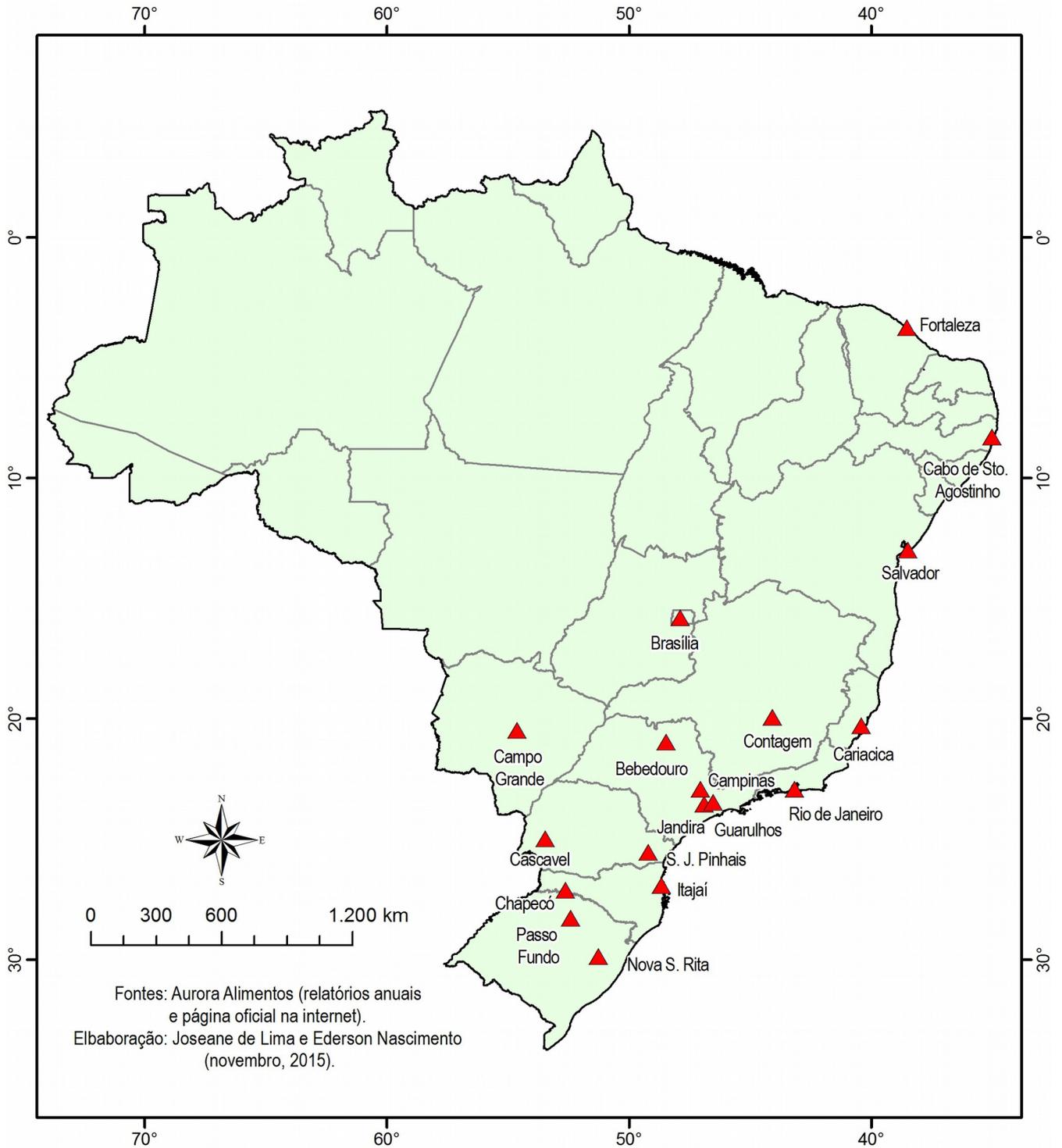
## IMPLANTAÇÃO DAS UNIDADES AGROINDUSTRIAIS DA COOPERATIVA AURORA: EVOLUÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA



Fontes: Silvestrin (1999), página oficial da Aurora Alimentos na internet.  
Elaboração: Joseane de Lima e Ederson Nascimento (novembro, 2015).

## ANEXO II

### LOCALIZAÇÃO DOS DEPARTAMENTOS E FILIAIS DE VENDAS DA AURORA ALIMENTOS (2015)



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBA, Rosa Salete. **Estudos de geografia agrária do oeste catarinense**. Chapecó: Argos, 2008.
- ALVES, Pedro Assunção, MATTEI, Lauro Francisco. **Migrações no oeste catarinense: História e elementos explicativos**. XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais. ABEP, Caxambú-MG Brasil, de 18 a 22 de Setembro de 2006.
- AURORA. **Relatório Anual Aurora**. 2009.
- AURORA. **Relatório Anual Aurora**. 2010.
- AURORA. **Relatório Anual Aurora**. 2011.
- AURORA. **Relatório Anual Aurora**. 2012.
- ARAÚJO, Bruno C. O; NEGRI, João A. **As empresas brasileiras e o comércio internacional**. Disponível em: [www.ipea.gov.br](http://www.ipea.gov.br); Acessado em: 20 de out de 2015.
- BAVARESCO, Paulo R. **Colonização do extremo oeste catarinense: Contribuições para a história campesina da América Latina**. VII Congresso Latino Americano de Sociologia Rural. 2006.
- BAHIA, Luiz D. **Determinantes do investimento das firmas industriais**. 2015.
- BRANDT, Marlon; NODARI, Eunice Sueli. **Comunidades tradicionais da Floresta de Araucária de Santa Catarina: territorialidade e memória**, 2011.
- BRANDT, Marlon; Campos, N. José de. **Uso comum da terra e práticas associativistas da população cabocla do planalto catarinense**. Geosul, 2008.
- CASTANHARO, A. M.; UEHARA, J.; OLIVEIRA, S. L. **Reciclagem Do Plástico: Uma Alternativa Da Logística Reversa Para Garantir A Responsabilidade Ambiental Na Empresa Bertin Ambiental Lins – SP**. São Paulo: Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – UNISALESIANO, 2009.
- CATAIA, Márcio; SILVA, Silvana Cristina da. **A teoria dos circuitos da economia urbana de Milton Santos: de seu surgimento à sua atualização Milton Santos**. Revista Geográfica Venezolana, 2011.
- CATAIA, M.; SILVA, S. C. **Considerações sobre a teoria dos dois circuitos da economia urbana na atualidade**. 2013.
- CORRÊA, Roberto L. **Corporações, práticas espaciais e gestão do território**. Departamento de Geografia, UFRJ 1992.
- CORRÊA, R. L. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil COUTSINAS, 1996.

- ESPÍNDOLA, Marcos Aurélio; NODARI, Eunice Sueli. **As estiagens no oeste catarinense sob a perspectiva da história ambiental**. Florianópolis: 2º Simpósio internacional de História Ambiental e Migrações, UFSC, 2012.
- LIMA, Joseane de. **Análise dos discursos oficiais da invisibilização da população cabocla na microrregião de Chapecó**, 2014.
- UNGAREZI, Luli. UNESP/REDEFOR, **Fluxos e Redes no Campo e na Cidade**. 2012.
- MARKUSEM, Ann. **Mudanças econômicas regional segundo o enfoque centrado no autor**. In DINIS, Clélio; LEMOS, Mauro B. Economia e território, Editora UFMG, Belo Horizonte, 2005.
- MONTENEGRO, M. R. **O circuito inferior da economia urbana na cidade de São Paulo no período da globalização**. São Paulo Brasil: Departamento de Geografia. Universidade de São Paulo (Dissertação de Mestrado), 2006.
- MOREIRA, E. M. **O assentamento Ireno Alves dos Santos no contexto da reforma agrária no Brasil: Qual reforma hoje?** Dissertação de Mestrado em Serviço Social, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.
- OLIVEIRA JÚNIOR, A. P. **Territorialidades ambivalentes: A luta dos Tupinikins e dos Guaranis frente à monocultura de eucalipto no ES**. Niterói, 2008.
- PEREIRA, M. F. V. **O território sob o "efeito modernizador": A face perversa do desenvolvimento**. Campo Grande: Interações, 2006.
- PERTTILE, Noeli. **Espaço, técnica e tempo em Chapecó - SC**. In SCHEIBE, Luiz Fernando; DORFAN, Adriana. **Ensaio a partir da Natureza do Espaço**. Fundação Boiteux: Florianópolis, 2007.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Ática: São Paulo, 1993.
- Revista Homem, Espaço e Tempo. ISSN 1982-3800, Março de 2009.
- REGITZ, Montenegro Marina. **A teoria dos circuitos da economia urbana de Milton Santos: de seu surgimento à sua atualização**. Revista Geográfica Venezolana, 2011.
- RENK, Arlene. **A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense**. 2 ed. Chapecó: Argos, 2006.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2012.
- SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- SANTOS, Milton. **Da totalidade do lugar**. 1ª ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- SANTOS, M. (et all). **O papel ativo da geografia**. Um manifesto. Florianópolis: Encontro Nacional de Geógrafos, 2000.
- SANTOS, M. **O Espaço Dividido. Os dois circuitos da economia urbana dos países**

**subdesenvolvidos.** Rio de Janeiro, 1978.

SANTOS, Milton. **Espaço e método.** São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: Globalização e o meio técnico\_científico\_informacional.** São Paulo: Edusp, 2013.

SILVEIRA, M. L. **Crises e Paradoxos da Cidade Contemporânea: os Circuitos da Economia Urbana.** Florianópolis: Anais do X Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 2007b. [Online] <http://www.xsimpurb.ufsc.br/>

SILVEIRA, M. L. **Da pobreza estrutural à resistência: Pensando os circuitos da economia urbana.** Bauru: Ciência geográfica, 2013.

SILVEIRA, M. L. **Metrópoles do Terceiro Mundo: da história ao método, do método à história.** En: SILVA, Cátia Antônia y CAMPOS, Andreelino. (eds.). **Metrópoles em mutação. Dinâmicas territoriais, poder e vida coletiva.** Rio de Janeiro: Revan, 2008.

SILVEIRA, M. L. **A região e a invenção da viabilidade do território.** In: SOUZA, M. A. A. de (Org.) **Território brasileiro: usos e abusos.** Campinas: Edições territorial, 2003.

SILVEIRA, M. L. **Território usado: Dinâmicas de especialização, dinâmicas de diversidade.** Bauru: Ciência Geográfica, 2011.

SILVESTRIN, Alvirio. **Bodanese, a geração de um pioneiro.** Chapecó: Mércur, 1999.